

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

THIAGO DELAÍDE DA SILVA

**Possibilidades e limitações do Facebook no
desenvolvimento da argumentação filosófica no
ensino de Filosofia**

**Porto Alegre
2015**

THIAGO DELAÍDE DA SILVA

**POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES DO FACEBOOK NO
DESENVOLVIMENTO DA ARGUMENTAÇÃO FILOSÓFICA NO
ENSINO DE FILOSOFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientadora:
Marlise Geller**

**Porto Alegre
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, devo agradecer à Deus pela vida e por guiar meus passos a cada dia.

Em segundo lugar, agradeço à minha família, especialmente meus pais, Roni e Vera, por sempre me acompanharem dando-me forças em todas as situações da minha vida, nunca permitindo que desistisse.

Agradeço à Bruna Garcia Schmidt, que me auxiliou em muitos momentos de dúvidas, sugerindo caminhos alternativos durante este trabalho, pelo apoio e compreensão.

Agradeço a UFRGS pela oportunidade de cursar esta Especialização em Mídias na Educação, pois foi uma experiência que acrescentou muito na minha caminhada profissional e acadêmica. Estendo, assim, meu agradecimento a todos os professores do curso, que possibilitaram que esta experiência se realizasse.

De modo especial devo meus agradecimentos a orientadora Marlise Geller, sem a qual essa pesquisa não poderia ter sido realizada. Agradeço sua atenção, a todos os direcionamentos e apontamentos durante o processo de elaboração deste trabalho, sua disposição em ajudar, sua paciência e seus questionamentos, sempre feitos com muito profissionalismo e precisão.

Agradeço também a tutora Cátia Zílio, pelo auxílio na revisão deste trabalho, por toda a atenção e correções, pelas inúmeras sugestões e pela sua generosidade em todos os momentos.

Agradeço imensamente a todos os professores que participaram desta pesquisa, contribuindo de alguma forma com a finalização deste trabalho.

Agradeço ainda aos colegas de curso com quem pude trocar experiências e conhecimentos durante o curso e aos tutores Lauri Alfonso Mombach e Silvana Silveira Schies, que nos acompanharam durante a maior parte do curso.

Por fim, agradeço aos meus alunos e colegas de trabalho que diariamente me fazem repensar minha prática docente e ajudam a me tornar um profissional melhor.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre o uso do Facebook no ensino de filosofia como ferramenta pedagógica no desenvolvimento da argumentação filosófica, suas possibilidades e limitações. Para tal, foi definida uma abordagem qualitativa que procurou descrever e analisar dados coletados por meio de um questionário com questões abertas e fechadas enviados à professores de filosofia da rede metropolitana de Porto Alegre. Os dados foram analisados a partir de um viés reflexivo, não tendo a pretensão de ser conclusivo mas de oferecer elementos para uma discussão sobre as possibilidades educacionais das redes sociais no ensino de Filosofia. Partiu-se do pressuposto de que o ciberespaço pode ser compreendido como uma ágora virtual, possibilitando um espaço discussão e de argumentação filosófica por meio da interatividade da rede. A partir dos resultados coletados, constatou-se que em geral os professores concordam que o Facebook pode auxiliar no Ensino de Filosofia através da criação de grupos e páginas que permitam o desenvolvimento da argumentação filosófica por meio da interatividade da rede. Foi possível concluir que o Facebook tem potencial para desenvolver argumentação apesar de limitações, apontadas pelos professores participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Argumentação. Facebook. Ciberespaço. Redes Sociais. Ágora.

Possibilities and limitations of Facebook in the development of philosophical argument in teaching Philosophy

ABSTRACT

This research presents a study on the use of Facebook in teaching philosophy as a pedagogical tool in the development of philosophical argument, its possibilities and limitations. For such a qualitative approach it was defined that sought to describe and analyze data collected through a questionnaire with open and closed questions sent to philosophy professors of the metropolitan network of Porto Alegre. Data were analyzed from a reflexive bias, having no claim to be conclusive but to offer elements for a discussion of the educational possibilities of social networks in teaching philosophy. It started with the assumption that cyberspace can be understood as a virtual agora, allowing a discussion space and philosophical argument by the network interactivity. The collected results, it was found that in general teachers agree that Facebook can assist in Philosophy of Education by creating groups and pages that allow the development of philosophical argument by the network interactivity. It was concluded that Facebook has the potential to develop an argument despite its limitations noted by teachers participating in the survey.

Keywords: Philosophy of Education. Argument. Facebook. Cyberspace. Social networks. Agora.

LISTA DE FIGURAS

Figura 5.1 – Nível de ensino e tipo de instituição de atuação dos professores entrevistados	36
Figura 5.2 – Faixa etária dos alunos atendidos pelos entrevistados.	37
Figura 5.3 – Participação dos entrevistados em grupos ou páginas do Facebook.....	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. EDUCAÇÃO E REDES SOCIAIS.....	12
2.1 Educação e desafios contemporâneos	12
2.2 Da praça pública ao ciberespaço: a rede social como ágora virtual.....	15
2.3 Facebook e possibilidades educacionais	20
3. FILOSOFAR NO FACEBOOK	24
3.1 Considerações sobre o Ensino de Filosofia.....	24
3.2 O Facebook no Ensino de Filosofia.....	28
4. METODOLOGIA	32
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	36
6. CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO.....	62
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	67

1. INTRODUÇÃO

O foco principal desta pesquisa é investigar como podemos utilizar a rede social Facebook para potencializar o desenvolvimento da argumentação filosófica no ensino de Filosofia. O interesse pela temática das redes sociais digitais se deu pelo fato de que cada vez mais o ciberespaço se constitui como um espaço real das vivências das pessoas dentro da sociedade, sendo de vital importância, não apenas para a comunicação e acesso a informação, mas também por se estabelecer cada vez mais como um modo de ser e estar no mundo. A sociedade inteira se parece como uma rede e cada vez mais sentimos a necessidade de estarmos conectados uns aos outros. Dependemos da internet e do ciberespaço para realizar diversas atividades diárias e não podemos ignorar que as redes sociais estão se tornando uma tendência mundial. Estes fatos tem influência direta nos processos educativos, motivo pelo qual cada vez mais se torna necessário e urgente o debate sobre as relações entre tecnologia e educação.

Tomando consciência deste contexto através de leituras e observando o modo como as pessoas (de modo especial os jovens) se comportam nas redes sociais e das diversas manifestações de cunho social que se percebe no meio virtual, surge o questionamento de até que ponto o universo da rede social pode ser interpretada como uma nova praça pública, tal como a ágora grega, sendo como que uma ágora digital de nossos tempos, uma praça virtual onde todos se encontram, compartilham seus anseios e sentimentos, discutem seus pontos de vista e debatem sobre o futuro da sociedade. É questão da chamada ciberdemocracia, para a qual alguns autores começam a chamar a atenção.

Se as redes sociais permitem que as pessoas discutam abertamente sobre qualquer tema, desde os assuntos mais superficiais até os mais relevantes socialmente, então parece claro pensar que uma rede social – o Facebook, por exemplo – pode cumprir um papel de uma praça pública virtual, uma ágora para nosso tempo. E talvez possa ser ainda mais eficiente do que a praça pública grega, uma vez que podemos nos conectar de maneira planetária, e debater questões não apenas de modo local, mas globalmente.

Sabemos que não é possível discutir e debater sem argumentar. Se não há argumento, não há verdadeiro debate. E quanto se fala em debate e argumentação, a Filosofia ganha destaque já que o discurso filosófico é essencialmente argumentativo, desde suas origens. A Filosofia grega surgiu como questionamento dos mitos e a busca do *logos*, ou seja da razão. Procurar as razões para as coisas é tarefa da Filosofia. Sócrates com sua capacidade crítica,

através do seu método dialógico, legou ao mundo ocidental essa nossa tendência em examinar criteriosamente as razões das coisas e de nossos pensamentos.

Sendo assim, não parece haver uma conexão implícita entre a atividade filosófica, no que tange ao seu discurso argumentativo, e a interatividade proporcionada pelas redes sociais? Seria possível pensar no Facebook, a rede social com mais adeptos no mundo atualmente, como a grande ágora virtual do nosso tempo, sendo um instrumento poderoso para uma geração de jovens questionar, debater e argumentar? Será que é possível utilizar o Facebook como uma ferramenta didática no Ensino de Filosofia, para desenvolver, ou pelo menos suscitar, a argumentação filosófica? Como isto seria possível? Quais são as possibilidades reais e as limitações do Facebook para este propósito?

Tendo presente estas interrogações, configura-se como questão de pesquisa deste estudo o seguinte problema: como é possível utilizar o Facebook para desenvolver a argumentação filosófica dos estudantes no ensino de Filosofia?

Como objetivo geral este estudo visa apresentar uma reflexão teórica que sustente uma proposta didática do uso do Facebook no desenvolvimento da argumentação filosófica dos estudantes no ensino de Filosofia na educação básica, embasada na análise dos resultados coletados e articulada ao referencial teórico deste trabalho.

Os objetivos específicos que se seguem são: 1) Investigar o uso Facebook como espaço de desenvolvimento da argumentação filosófica, através do diálogo e do debate na rede social; 2) Identificar e analisar as possibilidades e limitações do uso do Facebook como instrumento didático no ensino de Filosofia.

Os dados desta pesquisa foram coletados a partir das respostas de 13 professores de filosofia da rede metropolitana de Porto Alegre, através de um questionário online. Os resultados foram analisados e interpretados de acordo com o referencial teórico deste estudo.

Em termos de organização deste trabalho, após a introdução, o segundo capítulo apresenta uma discussão a respeito das relações entre educação e redes sociais, começando por discutir as relações entre educação, tecnologia e mídias, refletindo sobre os principais desafios contemporâneos enfrentados pelos educadores com o advento da internet e do ciberespaço. Em seguida apresenta-se uma reflexão sobre o ciberespaço a partir da metáfora da Ágora Virtual, comparando os espaços virtuais, como as redes sociais, com as praças públicas da antiguidade, principalmente na Grécia antiga, e seu papel no desenvolvimento da democracia e no exercício da cidadania. Por último, é feita uma reflexão sobre algumas possibilidades educacionais do Facebook e seus efeitos em termos de cidadania.

No terceiro capítulo destaca-se alguns elementos fundamentais relativos ao ensino de Filosofia articulado a uma reflexão sobre as possibilidades do uso do Facebook como ferramenta pedagógica no aprendizado filosófico. Primeiramente, se apresenta um embasamento teórico que justifique a importância da argumentação, do diálogo e da discussão filosófica no ensino de Filosofia. A seguir, destaca-se uma possível aproximação entre o uso educacional no Facebook com o Ensino de Filosofia, trazendo elementos da rede social que poderiam ter um uso didático.

Já o quarto capítulo refere-se a metodologia empregada na pesquisa, bem como a justificativa das escolhas realizadas. Os resultados da pesquisa são apresentados e analisados no quarto capítulo. Por fim, apresentam-se as conclusões, seguidas das referências e apêndices (questionário e termo de consentimento).

2. EDUCAÇÃO E REDES SOCIAIS

Este capítulo visa apresentar uma reflexão geral sobre os desafios educacionais frente às transformações tecnológicas, dando destaque o surgimento das redes sociais. Em seguida são apresentadas algumas comparações entre as redes sociais e a praça pública na Grécia antiga como espaço de diálogo, argumentação e construção da cidadania. Conclui-se o capítulo com algumas considerações referentes às possibilidades educacionais do Facebook.

2.1 Educação e desafios contemporâneos

A educação é um processo pelo qual o ser humano se humaniza e se integra à sociedade. Não poderíamos nos chamar de humanos sem a educação. O homem não é nada mais do que aquilo que a educação faz dele (KANT, 1999). Somos seres aprendizes por natureza, por constituição. E desde nossas origens mais remotas tivemos a necessidade de encontrar "instrumentos", "ferramentas", que potencializassem nossas capacidades físicas e intelectuais. Estes instrumentos e ferramentas (disponíveis na natureza ou construídas) eram "meios" de garantir nossa subsistência e evolução. De certa forma, galhos ou folhas de árvores, pedras ou qualquer outro objeto que pudesse ser utilizado pelo homem para auxiliá-lo em sua empreitada em sobreviver e evoluir, pode ser compreendido como uma tecnologia rudimentar. Através da fabricação de ferramentas o homem se tornou capaz de "atuar sobre a natureza e produzir seus meios materiais de existência" e por meio delas "o homem passou também a se produzir enquanto homem" (MELLO; COSTA, 1998, p. 10;12).

Pode-se mesmo dizer que o próprio corpo humano torna-se uma ferramenta para conhecer e interagir com o mundo (RÜDIGER, 2011).

O primeiro objeto técnico aparecido no mundo é, neste marco, o corpo, senão o próprio modo de ser humano, ainda que não totalmente. A matéria da qual se constitui o humano está desde o princípio, sujeita a operações técnicas, que se manifestam na forma como nosso corpo se posiciona no ambiente, caminha, senta-se, gira a cabeça, articula a palavra, manipula o que está ao seu alcance etc. (RÜDIGER, 2011, p. 64)

Sendo assim, observa-se claramente a intrínseca relação entre o homem e os meios que este utiliza para interagir com o mundo ao seu redor. Os objetos, ferramentas, tornam-se extensões do seu próprio corpo, pois este mesmo é o seu principal meio de conexão com a realidade. Não seria exagero dizer que "o homem mesmo é originalmente um artefato técnico" (RÜDIGER, 2011, p. 64).

Na história da educação o homem sempre precisou de alguma forma de tecnologia, ainda que fosse rudimentar ou primitiva, para potencializar suas capacidades. O termo *mídia* vem do latim (*media, medium*) e significa *meio*, ou seja, refere-se a estes instrumentos que o

homem utiliza para potencializar suas capacidades de comunicação, servindo para transmitir ou reter a informação.

É importante lembrar que informação e comunicação não são a mesma coisa. "Enquanto a informação é um processo unidirecional entre um emissor ativo e um receptor dito passivo, a comunicação é um processo biunívoco entre dois seres livres e com igualdade de direitos". Ou seja, a comunicação "supõe uma interação dialógica", por isso, informar não significa, exatamente, comunicar. A informação por si só não garante a comunicação. "É importante afirmar a necessidade de informação, mas não se pode descuidar do processo de comunicação, substituindo-o pelo informativo. As duas realidades são necessárias e complementares, sem, no entanto, identificar-se" (GOMES, 2006, p.53-54).

Desde a pedra ao papiro, da folha de papel ao computador, todas as *mídias* servem ao mesmo objetivo: ampliar o nosso potencial físico e intelectual. No contexto educacional, as mídias são plataformas para ampliar o aprendizado. Não somos capazes de lembrar tudo o que ouvimos ou lemos, portanto, precisamos de anotações, por exemplo, para guardar a informação. Assim, a utilização de um caderno ou um *tablet* pode cumprir uma mesma função, embora cada uma exija e desenvolva habilidades diferentes.

Hoje vivemos em um mundo marcado pela globalização e por rápidas transformações em todos os setores da sociedade. A tecnologia está presente em praticamente todos os segmentos de nossa vida. O pensador francês Pierre Lévy (1999, p.11), chama-nos a atenção para o fato de que "estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano".

Atualmente, as "novas" mídias, como computador, *tablets*, celulares, são ferramentas que exercem a mesma função das velhas mídias, como cadernetas, cadernos, lousas, etc. É nesse sentido que podemos falar em Mídias na Educação, um tema antigo e novo ao mesmo tempo. "Por isso, é importante considerar esta integração, na perspectiva da mídia-educação, em suas duas dimensões inseparáveis: objeto de estudo e ferramenta pedagógica, ou seja, como educação para as mídias, com as mídias, sobre as mídias e pelas mídias" (BÉVOR; BELLONI, 2009, p. 1084).

Segundo Lévy (1999, p.11) "o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem". Sendo assim a educação não pode deixar de considerar esses novos espaços de comunicação que surgem através das inovações

tecnológicas que já fazem parte do cotidiano dos estudantes. O educador Moacir Gadotti (2000, p. 05) afirma:

Os sistemas educacionais ainda não conseguiram avaliar suficientemente o impacto da comunicação audiovisual e da informática, seja para informar, seja para bitolar ou controlar as mentes. Ainda trabalha-se muito com recursos tradicionais que não têm apelo para as crianças e jovens. Os que defendem a informatização da educação sustentam que é preciso mudar profundamente os métodos de ensino para reservar ao cérebro humano o que lhe é peculiar, a capacidade de pensar, em vez de desenvolver a memória. Para eles, a função da escola será, cada vez mais, a de ensinar a pensar criticamente. Para isso é preciso dominar mais metodologias e linguagens, inclusive a linguagem eletrônica.

Se um dos objetivos do processo de escolarização é formar cidadãos críticos e preparados para o exercício da democracia, é necessário desenvolver no meio escolar certas capacidades necessárias para tal. Lemos e Lévy (2010, p.14) afirmam que “no que diz respeito aos efeitos sobre a democracia, essa transformação da esfera pública me parece afetar positivamente os quatro domínios estreitamente interdependentes, que são as capacidades de informação, de expressão, de associação e de deliberação dos cidadãos”.

Não se pode pensar em desenvolver uma cultura democrática sem que os estudantes sejam instigados desde a educação básica a desenvolverem essas capacidades de cunho democrático. O uso das novas tecnologias na educação "é fundamental porque estas técnicas já estão presentes na vida de todas as crianças e adolescentes e funcionam – de modo desigual, real ou virtual – como agências de socialização, concorrendo com a escola e a família" (BÉVOR; BELLONI, 2009, p. 1084).

Hoje, os desafios educacionais são inúmeros e aparentemente a instituição escolar parece se distanciar muito ou pelo menos não consegue acompanhar as rápidas transformações da sociedade. Isto se torna um problema, uma vez que a função da escola é a de formar cidadãos para atuarem nesta mesma sociedade. Como é possível formar um cidadão para atuar em um meio no qual o agente formador é alheio? Qual o papel da escola diante de tantas transformações?

O que cabe à escola na sociedade informacional? Cabe a ela organizar um movimento global de renovação cultural, aproveitando-se de toda essa riqueza de informações. Hoje é a empresa que está assumindo esse papel inovador. A escola não pode ficar a reboque das inovações tecnológicas. Ela precisa ser um centro de inovação. Temos uma tradição de dar pouca importância à educação tecnológica, a qual deveria começar já na educação infantil. (GADOTTI, 2000, p. 8)

Diante desse quadro a escola não pode simplesmente ignorar o tempo em que vivemos e esquecer que a cultura tecnológica molda a estrutura da sociedade. A escola deve "servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento", ou seja, "orientar criticamente, sobretudo

as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer" (GADOTTI, 2000, p.8).

Dentre as inúmeras transformações do mundo contemporâneo, está o crescente uso das redes sociais digitais, não apenas por jovens, mas por adultos, não apenas por lazer, mas também de modo profissional. "Os usuários da Internet ingressam em redes ou grupos on-line com base em interesses em comum, e valores, e já que têm interesses multidimensionais, também os terão suas filiações on-line" (CASTELLS, 2005, p. 444).

As redes sociais digitais fazem parte da chamada Web 2.0 e não é apenas um fenômeno momentâneo, mas parece ser uma tendência na evolução das mídias digitais. Segundo Castells (2005, p. 40), as redes sociais "estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela". Lemos e Lévy (2010, p. 23) afirmam que:

A internet já é uma realidade mundial, interligando todos os países do planeta, os telefones celulares estão em franca expansão, os serviços de governo eletrônico são implementados ao redor do mundo, comunidades e redes sociais nascem com as ferramentas sociais da Web 2.0, formas de ativismo político e protestos emergem utilizando as tecnologias e redes informacionais como suporte... O mundo da cibercultura está longe de ser uma utopia, e o futuro aponta para o desafio de uma ciberdemocracia global.

Vivemos cada vez mais em uma sociedade em rede (CASTELLS, 2005) e essa influência gigante da cibercultura em todos os âmbitos de nossa vida molda toda a nossa vida em sociedade "que nasceu como sociedade da informação e que, com as redes sociais, se tornou sociedade do conhecimento, porque produz conhecimento em tempo real, desfez as antigas estruturas de poder, ao mesmo tempo que deu à luz novas" (MOSÉ, 2015, p. 23).

Partindo desta constatação e do crescente uso das redes sociais por crianças, jovens e adultos, por professores e estudantes, nos perguntamos que fins educacionais podem ser conferidos as redes sociais? São plataformas de aprendizado, mas podem servir a um aprendizado formal? As redes sociais podem ser utilizadas na educação formal? Podemos usar as redes sociais como meio de potencializar as capacidades dos estudantes, como instrumentos, ferramentas para desenvolver algumas habilidades e competências?

2.2 Da praça pública ao ciberespaço: a rede social como ágora virtual

Na Grécia antiga um dos espaços mais importantes para a estrutura da *pólis* (cidade-Estado) era a "praça" pública, a chamada *ágora*. "A ágora era um espaço que abrangia, já em sua arquitetura, diversas funções, e nessa disposição organizada dos espaços era ali, na ágora, que as pessoas da comunidade reuniam-se" com finalidades distintas, já que "era local para

circulação, de pessoas, de ideias, de produtos, de decisões e de encaminhamentos". Assim, tinha-se um espaço de convivência social, não apenas político, mas um espaço que "por vezes incluía troca de bens, noutras vezes o valor estava no compartilhar pensamentos", ou seja, "podemos dizer que a ágora era o ponto de convergência de manifestações da vida social", um "lugar para expressões de cidadania, expressões religiosas, desportivas e econômicas". (SANTOS, 2012, p. 118-119)

Segundo Castellan (2005), a ágora "era o lugar onde se deliberavam assuntos importantes para a vida dos cidadãos e da sociedade como um todo", sendo, portanto, um espaço de construção democrática e de formação humana.

Na sua forma mais simples, a ágora pode ser definida como uma grande praça aberta utilizada para funções públicas. Era nesse local que um grande número de cidadãos se encontravam para diversas atividades, assembleias, festivais, eleições, competições atléticas, desfiles, mercados, e similares. Assim sendo, a ágora tornou-se o centro da pólis, pois os edifícios públicos da cidade foram sendo construídos ao redor do lugar onde as pessoas frequentemente se encontravam. (CASTELLAN, 2005)

Apesar da ágora não ser um espaço exclusivamente político, mas social e cultural, sua importância para construção da política grega foi decisiva. A ágora não era apenas a praça pública, mas era "composta também pela assembleia dos cidadãos", sendo "um local de reuniões, tomada de decisões, deliberações e outros tantos encaminhamentos e soluções". (SANTOS, 2012, p. 120).

Em Atenas, particularmente, os cidadãos dedicavam parte de seu tempo livre para discutir questões relacionadas a vida pública. "Na prática, o cidadão ateniense dedicava-se a encontros para debater e decidir as leis, os quais se constituíam em discussões livres e irrestritas onde todos tinham direitos iguais para falar em uma assembleia soberana". Sem o espaço de discussão e de diálogo a política democrática se tornaria impossível, uma vez que ela pressupõe a participação dos cidadãos nas decisões da pólis. Por isso essas assembleias eram centrais para a democracia grega "e passaram a constituir o coração do sistema democrático onde os cidadãos se reuniam para discutir os problemas da polis e criar as leis" (ANGELO; PAGAN; GUDWIN, 2014, p.7).

Portanto, este espaço público de discussão foi importante para a construção da ideia cidadania na Grécia antiga e permaneceu como um legado para a construção do pensamento democrático. Segundo Torres (2009, p.2):

[...] nas praças públicas (Ágoras), o diálogo adquiriu força e foi considerado como a arte da persuasão. Ele não apenas possuía como função exprimir um discurso de cunho filosófico, em que a exposição de ideias está carregada de certezas e conceitos, mas percebia no "outro" uma possibilidade de encontro, permitindo àqueles que dialogavam seduzirem e serem seduzidos pela fala alheia. No diálogo,

os participantes não presumiam deter o conhecimento, mas sempre tinham com o que contribuir. A existência dessa linguagem comum fez com que as discussões passassem a ser direito de todos, complexificando as relações interpessoais.

No mundo contemporâneo, nos falta um espaço físico, concreto, que possa ser o substituto da ágora grega. Mesmo as praças públicas tão raras em nossos centros urbanos, servem quase que somente para o lazer, sendo um espaço de convivência, mas não de discussão política. A própria ideia de democracia direta ou participativa, se torna inviável nas estruturas sociais modernas e contemporâneas, uma vez que ela pressupõe a participação direta dos cidadãos e como não há um espaço público para isto, surge a ideia de democracia representativa, onde os cidadãos elegem representantes políticos para tomarem suas decisões, transferindo, assim, sua responsabilidade política (ANGELO; PAGAN; GUDWIN, 2014, p.7).

Apesar da falta de um espaço público físico no mundo contemporâneo, vemos crescer expansivamente as trocas de experiências, vivências e ideias, por meio dos espaços virtuais disponíveis na internet. Segundo Castells (2003, p. 135):

A internet encerra um potencial extraordinário para a expressão dos direitos dos cidadãos e a comunicação de valores humanos. Certamente não pode substituir a mudança social ou a reforma política, Contudo, ao nivelar relativamente o terreno da manipulação simbólica, e ao ampliar as fontes de comunicação, contribui de fato para a democratização. A internet põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças. É por isso que o controle dessa ágora pública pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo seu desenvolvimento.

Uma vez que, contemporaneamente, a internet passa a ser "o tecido de nossas vidas" (CASTELLS, 2003, p. 7) e as pessoas estão cada vez mais conectadas, cria-se um novo espaço de comunicação e interação que possibilita a troca de informações e a discussão de questões sociais tais como se fazia na ágora grega. "Na co-evolução da Internet e da sociedade, a dimensão política de nossas vidas está sendo profundamente transformada" (CASTELLS, 2003, p. 135), já que "ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela Internet" (CASTELLS, 2003, p. 115).

Hoje o ciberespaço é cada vez mais um espaço de vivências e influencia diretamente a vida das pessoas. Assim "o ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global" (CASTELLS, 2003, p. 115), "um novo espaço de comunicação, organização e sociabilidade, onde é possível a criação de ambientes em que atitudes, modos de pensamentos, valores, argumentos e reflexões se desenvolvam" (TORRES, 2011, p. 63-64). Isso ocorre porque "o ciberespaço oferece uma liberdade de expressão, memória e navegação na esfera informacional

infinitamente maior do que todas as outras mídias anteriores, ao mesmo tempo em que é uma ferramenta sem precedentes de mobilização da inteligência coletiva" (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 55).

Dentre as inúmeras possibilidades do ciberespaço tem-se destacado a proliferação das redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, *Instagram*, só para citar alguns. Alguns dos sites mais acessados hoje são redes sociais, e muitos sites que não se enquadram como redes sociais procuram de alguma forma estar conectados com algum tipo de rede social. Até mesmo empresas e instituições públicas ou privadas, de todos os tipos, tem aderido a prática do uso das redes sociais. As pessoas estão cada vez mais conectadas em rede, não pela aproximação geográfica, mas por critérios de interesse comum (RÜDIGER, 2011) e "a apropriação da capacidade de interconexão por redes sociais de todos os tipos levou à formação de comunidades on-line que reinventaram a sociedade e nesse processo, expandiram espetacularmente a interconexão de computadores, em seu alcance em seus usos" (CASTELLS, 2003, p. 53).

Lemos e Levy (2010, 53) afirmam que

[...] graças à nova rede de comunicação planetária, uma profunda evolução que a dirige ainda mais no sentido de um aprofundamento da liberdade: desenvolvimento do ciberativismo em escala mundial... cidades e regiões "digitais" se organizando em "comunidades engenhosas", "ágoras virtuais, governos eletrônicos cada vez mais transparentes a serviço dos cidadãos.

Uma vez que a disseminação das redes sociais é gigantesca e parece configurar uma das principais formas de web 2.0, modelando o ciberespaço virtual, não parece uma conclusão forçada pensar nas redes sociais como ágoras virtuais.

Talvez pareça uma aproximação distante em um primeiro momento, uma vez que aparentemente os conteúdos mais amplamente divulgados nas redes sociais parecem ter um caráter supérfluo ou, no mínimo, despolitizado. Há nesse sentido muitas críticas a esta forma estes espaços virtuais. O sociólogo Zygmunt Bauman, um dos críticos das redes sociais, chama a atenção para as motivações que levam inúmeros jovens a aderir às redes sociais:

Embora os principais estímulos para que os jovens estejam sempre em movimento provenham do mundo off-line, esses estímulos seriam inúteis sem a capacidade dos equipamentos eletrônicos de multiplicar encontros entre indivíduos, tornando-os breves, superficiais e sobretudo descartáveis. As relações virtuais contam com teclas de "excluir" e "remover spams" que protegem contra as consequências inconvenientes (e principalmente consumidoras de tempo) da interação mais profunda. (BAUMAN, 2011, p.22)

Bauman (2011) critica a superficialidade das relações nas redes sociais e a ausência de vínculos duradouros. Esse argumento poderia sugerir que as redes sociais seriam espaços virtuais onde reina uma cultura narcisista onde não há desejo de fato de ouvir o outro,

condição essencial na democracia. Dentro dessa mesma linha de pensamento, os críticos do ciberespaço e das redes sociais afirmam que o espaço virtual “[...] se tornou um cenário dominado por jovens muito sexualizados, ladrões de identidade, jogadores compulsivos e outras criaturas viciosas, e isto está não apenas corroendo os valores que defendemos em nossa consciência reflexiva, mas acabando coma cultura do profissionalismo [...]” (RÜDIGER, 2011, p. 34).

A questão de acabar com a "cultura do profissionalismo" se dá pelo fato de que qualquer um pode emitir um juízo nas redes sociais e cada um se torna dono de sua própria verdade. Lemos e Levy (2010, p.87) atentam para o fato de que a expansão da internet deu força ao que eles chamam de "liberação da palavra". "Hoje graças à rede, são os próprios atores, as pessoas, as empresas (incluindo empresas de jornalismo), as instituições, os movimentos, os partidos, as associações, os agrupamentos, as comunidades virtuais de todos os tipos, que decidem sobre aquilo que vão publicar na web" (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 89). Isso significa dizer que no passado as mídias de função massiva determinavam a fonte de emissão da informação e cabia ao cidadão receber essa informação, aceitá-la ou critica-la. Mas não havia a possibilidade de criar e emitir a informação. "A principal vantagem da internet em relação às mídias da democracia midiática da segunda metade do século XX é que ela permite a todos se expressarem sem precisar passar pelo poder do jornalista ou de outro mediador" (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 88).

É preciso questionar se de fato isso é um problema ou se na verdade estamos vivemos uma situação mais democrática, uma vez que "o resultado é o desenvolvimento maior da diversidade, da liberdade de emissão e da produção de conteúdo que contamina qualquer um que explore seriamente a rede". Segundo esse raciocínio, passamos de uma cultura onde se privilegiava a informação para uma cultura onde se torna mais forte os processos de comunicação. "Amplia-se, dito de outro, modo, a 'esfera-pública' e, conseqüentemente, a esfera da ação comunicativa". (LEMOS; LÉVY, 2010, p.89).

Em suma, a computação social aumenta as possibilidades de inteligência coletiva e, por sua vez, a potência do "povo". Outro efeito notável dessa mutação da esfera pública é a pressão que ela exerce sobre as administrações estatais e sobre os governos para mais transparência, abertura e diálogo. Por último, devido ao caráter mundial da nova esfera pública, os movimentos de opinião e de ação cidadã atravessam cada vez mais as fronteiras e entram em fase com o caráter, ele mesmo planetário, dos problemas ecológicos, econômicos e políticos (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 14).

É interessante notar que, apesar de grande parte dos usuários das redes sociais utilizarem a ferramenta apenas para fins pessoais, não é raro encontrarmos muitas iniciativas de cunho político, cultural ou ideológico, defendendo causas ou disseminando ideias a favor

ou contra algum posicionamento político ou filosófico relacionado a questões atuais da sociedade. Como afirma Mosé (2015, p. 23) "ao fazer nascer a sociedade em rede, a revolução tecnológica permitiu a democratização do acesso à informação e ao conhecimento, em outras palavras, ao poder". Portanto, é possível perceber um movimento nas redes sociais que tem suscitado algumas discussões importantes na sociedade, tal como se fazia na ágora grega.

Dentro dessa linha de pensamento, Lemos e Lévy (2010, p.33), defendem que:

As novas ágoras on-line permitem aos novos modos de informação e de deliberação política aparecerem, enquanto o voto eletrônico vem completar o quadro de uma sintonia da democracia com a sociedade da inteligência coletiva.

Desse modo, apesar das limitações e tendo presente as críticas às redes sociais digitais, não se pode, contudo, negar que são mecanismos que potencializam a voz dos integrantes da sociedade e possibilitam, embora não garantam, a formação de opinião e a reflexão crítica de questões pertinentes da sociedade.

2.3 Facebook e possibilidades educacionais

O Facebook está entre as redes sociais mais populares do mundo e a maior do planeta com mais de 1,44 bilhão de usuários, segundo pesquisa divulgada no final de março de 2015 (REDAÇÃO OLHAR DIGITAL, 2015). Ao que tudo indica, o número de usuários tende aumentar cada vez mais. Só no Brasil, em 2014, a quantidade de usuários chegou a 61,2 milhões de adeptos ao Facebook (AFP, 2014).

Segundo David Kirkpatrick, autor do livro *O Efeito Facebook* (2011, p. 21): "A cada mês, cerca de 30 bilhões de postagens são feitas pelos usuários, incluindo links da internet, notícias, fotos etc. Trata-se, de longe, do maior site de compartilhamento de fotos da internet, por exemplo, com mais de 3 bilhões de fotos adicionadas a cada mês." Isso mostra o quanto a rede social cresce e o quanto faz parte do cotidiano milhões de usuários e nos faz perguntar qual a colaboração que o Facebook tem dado à sociedade. Kirkpatrick (2011), usa a expressão "Efeito Facebook" para se referir às mudanças sociais que de alguma forma tiveram origem ou influência na rede social. O autor afirma que:

Sendo uma forma de comunicação fundamentalmente nova, o Facebook também produz efeitos interpessoais e sociais fundamentalmente novos. O Efeito Facebook acontece quando a rede social põe as pessoas em contato umas com as outras, às vezes de forma inesperada, em torno de algo que tenham em comum: uma experiência, um interesse, um problema ou uma causa. Isso pode acontecer em pequena ou grande escala [...] (KIRKPATRICK, 2011, p.17)

Kirkpatrick (2011, p.17) complementa dizendo ainda que:

O software do Facebook imprime uma característica viral à informação. As ideias no Facebook têm a capacidade de se espalhar pelos grupos e fazer com que um grande número de pessoas tome conhecimento de algo quase simultaneamente, propagando-

se de uma pessoa para outra e para muitas com uma facilidade rara – como um vírus, ou meme.

Esta característica viral que o Facebook insere na informação parece ser um elemento importante e uma das razões de sua popularidade. Isto pode ser ao mesmo tempo uma vantagem e uma desvantagem no que diz respeito ao aspecto formativo que as redes sociais podem proporcionar aos usuários. É vantajoso, pois uma publicação pode gerar discussão e reflexão de boa parte dos usuários, tomando grandes proporções na sociedade, como tem ocorrido em épocas de eleição, entretanto pode ter um aspecto desfavorável, pois uma publicação pode ser compartilhada inúmeras vezes de maneira acrítica e irresponsável.

Muitos veem o Facebook como uma mera celebração de detalhes insignificantes de nossa vida. Essas pessoas o consideram uma plataforma para o narcisismo em vez de uma ferramenta de comunicação. Outros perguntam como o Facebook pode afetar a capacidade de um indivíduo de crescer e mudar já que suas ações e até mesmo seus pensamentos estão sendo constantemente examinados por seus amigos. (KIRKPATRICK, 2011, p.23-24)

Entretanto, se pensarmos na ágora grega, ou mesmo na circulação das mídias de massa (como televisão, rádio, jornal impresso, etc), podemos encontrar o mesmo problema. A informação que circulava na praça pública grega poderia tão facilmente ser manipulada, corrompida e divagada de maneira pouco refletida. A divulgação oral é ainda menos precisa e dúbia. Da mesma forma nas mídias de massa invariavelmente também uma informação pode ser circulada de maneira acrítica e irresponsável, tendo vistas a manipulação dos receptores ou a sua adesão às suas devidas ideologias subjacentes de modo irrefletido. Portanto, o problema não parece estar no tipo de mídia, em si, mas na consciência coletiva daqueles que usufruem do conteúdo disponibilizado. "Na atual cultura digital, o aumento da produção livre e planetária de conteúdo (textos, fotos, vídeos, games, softwares...), proporcionada pela liberação do polo da emissão, deve ser vista como atestando um vitalismo social e o crescimento da inteligência coletiva" (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 14).

Sendo assim, as redes sociais, e nesse caso o Facebook, tem a vantagem de possibilitar a contraposição de interpretações da informação que é emitida, favorecendo, então, o debate e o diálogo e, portanto, colaborando para o desenvolvimento de um pensamento crítico. Como afirma Kirkpatrick (2011, p.18):

O Facebook está dando a indivíduos em sociedades de todo o mundo mais poder em relação às instituições sociais, e isso pode levar a mudanças muito perturbadoras. Em algumas sociedades, pode desestabilizar instituições que muitos de nós preferiríamos que continuassem como estão. Mas o Facebook também contém a promessa – como está começando a ser demonstrado no Egito, na Síria, na Indonésia e em outros lugares – de desafiar antigas instituições e práticas estatais repressivas. O Facebook torna mais fácil a organização das pessoas.

Assim há um efeito politizante no uso do Facebook como ferramenta de manifestação da liberdade de expressão que leva, gradualmente, os usuários a desenvolverem um pensamento mais crítico sobre questões sociais, possibilitando também a organização de grupos em torno de uma causa comum.

No que diz respeito aos usos do Facebook na Educação, há muitas iniciativas, sejam elas particulares, vindas de professores ao criar grupos e páginas com finalidade pedagógica, sejam institucionais, como páginas ou grupos de universidades e escolas. A popularização do Facebook tem chamado a atenção dos pesquisadores em educação. Entretanto o uso do Facebook, assim como de outras redes sociais, ainda encontra resistência no meio acadêmico. Canabarro e Basso (2013, p. 04) afirmam:

No Facebook percebe-se um movimento pequeno de professores que fazem uso dessa ferramenta para fins pedagógicos, alguns montam páginas para divulgar a escola e os projetos realizados junto à comunidade escolar, formam grupos para manter contato virtual com seus alunos fora da sala de aula, enviando e recebendo trabalhos, explorando e sanando dúvidas sobre conteúdos estudados.

Apesar destas iniciativas "observa-se ainda que a grande maioria dos professores usuários do Facebook não exploram o potencial do site em sua totalidade", não aproveitando os recursos disponíveis na rede. "A maioria das postagens visualizadas refere-se a conteúdos de cunho pessoal, imagens divertidas, cômico, autoajuda e relacionamento afetivo" (CANABARRO; BASSO, 2013, p.4). Sabe-se que "o acesso a informação já é garantido, através do uso da rede social, mas somente uma abordagem didático-pedagógica pode propiciar que essas informações quando sistematizadas, possam se transformar em conhecimentos adquiridos" (FERREIRA, 2014, p.18).

Para Ferreira (2014, p. 17) o Facebook "atua como um espaço de construção coletiva do conhecimento", contribuindo para a construção da autonomia dos alunos, permitindo que estes "sintam-se cada vez menos dependentes do professor e capazes de construir seus conhecimentos a partir de suas próprias análises e reflexões", uma vez que a rede social viabiliza "que as informações postadas sejam automaticamente compartilhadas e que possam contribuir com as colaborações do outro".

Essa potencialidade de construção de um conhecimento colaborativo é um dos pontos positivos das redes sociais, pois despertam a inteligência coletiva e "quanto melhor os grupos humanos conseguem se constituir em coletivos inteligentes, em sujeitos cognitivos abertos, capazes de iniciativa, de imaginação e reação rápidas, melhor asseguram seu sucesso no ambiente altamente competitivo que é o nosso" (LEVY, 2007, p. 19).

Dentre as várias possibilidades do uso do Facebook no contexto educacional se destaca a criação de grupos (fechados ou abertos) nos quais alunos e professores podem interagir uma vez que:

A formação de grupos no Facebook engloba os conteúdos e temas de preferência, ou até mesmo um acompanhamento dos conteúdos abordados em sala de aula, de forma mais inovadora, dinâmica e real, já que os alunos utilizam esses recursos cotidianamente, e promove a visualização dos temas a partir de mídias diversas, tais como textos, imagens, vídeos, músicas, etc. favorecendo ainda a sistematização do que se deseja abordar numa perspectiva de processo de ensino e aprendizagem que permita que alunos e professores trabalhem colaborativamente [...] (FERREIRA, 2014, p. 18).

Não se pode esquecer que "uma abordagem didático-pedagógica que privilegie o uso do Facebook como auxiliar no processo de aprendizagem vai além da inserção de novas tecnologias da informação e comunicação no ambiente das escolas e das salas de aulas", já que a rede social é um espaço muito mais amplo do que a dimensão escolar, acabando por promover "uma relação entre escola e sociedade, entre currículo e as competências necessárias para convivência na atualidade" (FERREIRA, 2014, p. 19).

3. FILOSOFAR NO FACEBOOK

Hoje a Filosofia é uma disciplina obrigatória nos currículos escolares no Ensino Médio e optativa no Ensino Fundamental. Apesar da obrigatoriedade da lei, nem sempre há professores com formação específica lecionando a disciplina, dado o contexto educacional no Brasil. Mesmo os professores formados na área sentem dificuldade com relação ao ensino de Filosofia. Há uma tendência, no Brasil, de se dar um foco historicista ao ensino de Filosofia, ou seja, ensina-se História da Filosofia, ou a história das grandes ideias, dos grandes pensadores, em vez de um ensino focado na argumentação filosófica. De que modo o professor poderia então, suscitar esse interesse pela discussão e o debate filosófico, a fim de promover o desenvolvimento das habilidades argumentativas dos estudantes?

Nesse capítulo pretende-se oferecer algumas reflexões a respeito da natureza da Filosofia e do seu ensino e posteriormente refletir sobre algumas possibilidades pedagógicas referentes ao uso do Facebook no desenvolvimento da argumentação filosófica.

3.1 Considerações sobre o Ensino de Filosofia

A Filosofia é um campo de investigação racional que existe há cerca de 2600 anos e sempre influenciou direta ou indiretamente as grandes transformações da humanidade. É possível dizer, sem exagero, que a Filosofia grega é um dos elementos fundadores da cultura ocidental. Sua influência no mundo ocidental é gigantesca e "pode-se até dizer que ela foi uma das principais forças que contribuíram para a construção histórica dessa cultura" (SEVERINO, 2008, p.3).

A Filosofia grega nos deixou como legado "a tradição do debate e da discussão, do questionamento às suposições alheias para obter uma compreensão mais profunda e extrair verdades fundamentais" (BUCKINGHAM, 2011, p.12). "Desde seu nascimento na Grécia antiga, a filosofia foi concebida como logos, quer dizer, um discurso que, exprimindo as coisas a partir de seus princípios, se organizava como discurso da razão". O pensamento argumentativo desenvolvido pela Filosofia grega forneceu "a base racional sobre a qual se estruturou toda a cultura do mundo ocidental" (RODRIGO, 2014, p. 64).

Sem dúvida, o discurso racional por meio de argumentos é uma das marcas mais fundamentais da Filosofia. "Filósofos costumam tratar dos assuntos a partir de argumentos: podem inventá-los ou criticar os de terceiros, ou ainda fazer as duas coisas" (WARBURTON, 2008, p.15). Esta capacidade de produzir o saber por meio da argumentação racional é uma

das características que definem o pensamento filosófico. Desta forma "o traço distintivo do discurso filosófico reside no fato de que nele as afirmações e teses são necessariamente acompanhadas de suas respectivas justificações" (RODRIGO, 2014, p. 64).

De acordo com o filósofo Desidério Murcho (2002), a Filosofia é diferente as outras áreas de conhecimento, uma vez que não pode se basear em evidências empíricas nem demonstrações matemáticas. O autor afirma que:

A Filosofia, ao contrário das outras disciplinas, nem dispõe de testes empíricos, laboratórios e observações, estatísticas e outros dados; nem se apoia em raciocínios meramente matemáticos e formais. Tudo o que a Filosofia tem é o apoio dos resultados das outras ciências e a sua capacidade para refletir, de forma rigorosa e detalhada, sobre os problemas e teorias que nos interessam. O pensamento filosófico é sutil, por vezes muito abstrato, e apoia-se na argumentação não matemática. (MURCHO, 2002, p. 16)

Desse modo, em Filosofia, não podemos contar com experimentos ou observações, "temos apenas a nossa capacidade para argumentar, de forma tão rigorosa quanto possível" (MURCHO, 2002, p. 16). O conhecimento filosófico é dinâmico e se dá através do exame racional das diversas interpretações teóricas sobre um mesmo problema, na crença de que por meio do confronto de ideias opostas, se possa chegar a sínteses mais bem elaboradas e que nos confirmem uma maior compreensão e entendimento dos problemas e questões tratadas. "Por isso mesmo o ensino de filosofia não pode restringir-se a mera apreensão do enunciado das teses, exigindo a compreensão dos argumentos por meio dos quais elas se estabelecem e se sustentam" (RODRIGO, 2014, p. 64).

Diante dessa constatação, de que a argumentação é fundamental na Filosofia, ensinar a argumentar passa ter um papel central no seu ensino (MURCHO, 2008). Mas o que significa argumentar? Em que consiste um argumento? Segundo Abbagnano (2007, p. 79), um argumento "é qualquer razão, prova, demonstração, indício, motivo capaz de captar o assentimento e de induzir à persuasão ou à convicção". Esse é o sentido mais comum do que se entende por argumento. O argumento é o que justifica uma determinada afirmação. Assim, podemos dizer que "todo argumento ou raciocínio é um movimento do nosso pensamento para produzir uma conclusão" (SAVIAN FILHO, 2010, p. 15). De maneira mais precisa, em Lógica, "um argumento pode ser definido como um conjunto (não vazio e finito) de sentenças, das quais uma é chamada de conclusão, as outras de premissas, e pretende-se que as premissas justifiquem, garantam ou dêem evidência para a conclusão" (MORTARI, 2001, p. 09).

Uma vez que argumentar é uma das características mais elementares da filosofia, não se pode abrir mão de desenvolver esta competência no ensino de filosofia. Então "do ponto de

vista didático, trata-se, então, de criar condições para que o aluno desenvolva sua capacidade de argumentação com base em atividades e exercícios voltados para esse objetivo" (RODRIGO, 2014, p. 65).

Por competência argumentativa pode-se entender a capacidade de dar razões para uma afirmação, ou dito de outro modo, ser capaz de embasar uma conclusão em premissas que logicamente a sustentem. Além disso, espera-se que o estudante seja capaz de reconhecer, na fala ou em um texto, um argumento e saiba minimamente como avaliá-lo, ainda que informalmente. Segundo Murcho (2008, p. 16)

Uma correta compreensão da natureza da Filosofia obriga a que o seu ensino procure o seguinte: o estudante terá de compreender claramente os problemas, as teorias e os argumentos da filosofia e terá de formar a sua opinião abalizada sobre eles; o estudante deverá ser estimulado a desenvolver o seu pensamento autônomo sobre os problemas, as teorias e os argumentos da Filosofia. Terá de ser capaz de traçar distinções relevantes, de saber defender as suas ideias, de conhecer os argumentos que se levantam contra as suas ideias e de saber responder-lhes de forma adequada e responsável. Terá de conhecer as alternativas às ideias que defende, e terá de saber explicar por que razão as ideias que defende são melhores do que as alternativas. Terá de saber argumentar sem cair em falácias, terá de ser capaz de reagir a contra-argumentos e a contra-exemplos [...]

Evidentemente esta é uma condição ideal e não se pode esperar que tais habilidades se desenvolvam rapidamente. Tudo é um processo que precisa ter um início. Mas um ensino de filosofia que não levasse em consideração esse aspecto não seria verdadeiramente filosófico. "Um ensino de qualidade da Filosofia não é possível sem um espaço para que o estudante discuta ideias" (MURCHO, 2002, p. 16). O filósofo critica o ensino de Filosofia baseado apenas na transmissão de teorias ou teses filosóficas. O ensino de filosofia não pode desconsiderar a importância de discutir os argumentos das teorias filosóficas com os alunos e incentivar o pensamento crítico.

[...] não podemos fingir que ensinar filosofia é apenas uma questão de ensinar a compreender teorias. Dado que as teorias dos diferentes filósofos se contradizem entre si, é importante saber que razões tem cada um dos filósofos para pensar que a sua teoria é verdadeira; se não o fizermos, o estudante fica com a noção errada de que a filosofia é apenas uma rapsódia de teorias diferentes umas das outras. (MURCHO, 2008, p. 90)

Essa postura diante do ensino de filosofia faz eco a uma tradição que remonta a tese kantiana de que não se pode aprender filosofia, só se pode aprender a filosofar (KANT, 1980). Não se pode achar que ensinar filosofia se resume a transmissão da tradição filosófica, tendo por objetivo a memorização de teorias e conceitos defendidos pelos filósofos ao longo da história. "Ensinar filosofia implica fazer com que os estudantes levantem temas e, então, voltar a eles repetidamente, elaborando-os nas discussões dos estudantes à medida que as aulas se sucedem" (LIPPMAN; SHARP; OSCANYAN, 2001, p. 117).

Por essa razão, desenvolver a argumentação filosófica só é possível através de um ensino dialógico. O diálogo se torna um método de ensino pelo qual o aluno participa como "co-autor do conhecimento" e não mero ouvinte. "As aulas dialogadas permitem que o aluno se expresse livremente, incentivando-o a participar das mesmas e exercitando-o no diálogo filosófico" (SOUZA, 2004, p. 172-173). Assim:

A Filosofia é uma disciplina que transforma a sala de aula em uma "comunidade de investigação dialógica cooperativa": o aluno é convidado a participar de um diálogo disciplinado, aprendendo a raciocinar em conjunto com os outros; o estudante é desafiado a pensar sobre conceitos significantes da tradição filosófica, compartilhando com os demais a compreensão radical e global do sentido de sua ação e reflexão; o aluno é estimulado a falar e escrever, descobrindo em si mesmo a necessidade de ser racional em vez de controverso. (SOUZA, 2004, p. 168)

O diálogo tem, portanto, um papel fundamental no ensino de filosofia, ao mesmo tempo como meio e como fim, como método e como objetivo. Ao mesmo tempo se busca construir essa consciência dialógica e não se pode fazê-lo, se não através da própria dinâmica do diálogo. Mas não é um diálogo qualquer, é um diálogo investigativo que "significa conversar de forma ordenada a respeito de um assunto (tema) com a intenção de ter ideias mais claras e mais verdadeiras a respeito dele, tanto para si próprio como para os outros que participam da conversa (diálogo)". Dialogar, é portanto, ser capaz de levar em consideração a palavra do outro (LORIERI, 2002, p.78).

Levar em consideração a palavra do outro não significa simplesmente concordar ou fazer de conta que concorda. Significa considerar: primeiro, se a entendi bem; segundo, se entendi as razões que a fundamentam; terceiro, se concordo com o que foi dito, pela força das razões apresentadas; quarto, se isso é igual, eu reforço em mim o que penso e, se diferente, verifico a diferença e, aí, posso concordar, modificando o que eu pensava a respeito. Nessa última situação, fiz uma modificação baseada em argumentos ou razões boas para tal: fiz uma autocorreção, uma correção do meu pensamento. (LORIERI, 2002, p. 79)

A discussão filosófica, por sua vez, não deve ser encarada como um bate-papo informal sem objetivos e nem uma troca de opiniões infundadas. "Uma das características de uma discussão filosófica consiste no desenvolvimento da apresentação sistemática de ideias" (LIPPMAN; SHARP; OSCANYAN, 2001, p. 167), ou seja, deve-se buscar conexões entre as ideias sistematizando-as afim de que possam ser examinadas racionalmente. É necessário transformar uma discussão livre sobre um determinado tema em uma discussão mais conceitual. "Uma discussão filosófica é proveitosa se caminha daquilo que é para aquilo que pode ser, ou do caso específico para uma compreensão mais ampla" (LIPPMAN; SHARP; OSCANYAN, 2001, p.129). Isso significa dizer que se pode partir de uma discussão de uma situação ou problema particular e ir avançando dialogicamente pouco a pouco até chegar a um nível filosófico.

Sem dúvida, uma discussão insignificante pode ser o solo fértil do qual seja possível brotar uma boa discussão, do mesmo modo que uma boa discussão a respeito de qualquer tema é capaz de oferecer condições para o surgimento de uma boa discussão filosófica. A questão é que podemos dizer se é uma discussão a partir do que surge à medida que a discussão progride. (LIPPMAN; SHARP; OSCANYAN, 2001, p. 145)

Sendo assim, faz parte da dinâmica do ensino de filosofia começar por uma discussão menos formal, onde os estudantes podem se expressar livremente a partir de seus próprios pontos de vista até chegar em uma discussão mais eloquente, filosófica. Esta passagem gradual deve acontecer por meio da mediação do professor, de suas interrogações e o exame racional dos argumentos apresentados pelos estudantes, mesmo que estejam embasados no senso comum, pois permitem que aos poucos eles passem a filosofar sobre o problema investigado. Assim, o papel do professor é fundamentalmente socrático e este "é visto como um provocador, um gerente, um motivador, um mediador, um facilitador, um treinador, um tecelão, uma parteira e um crítico severo" (SPLITTER; SHARP, 2001, p. 181). O professor de filosofia é quem tem o dever de ir pouco a pouco transformando um mero diálogo em uma discussão filosófica, através do exame atento dos conceitos e dos argumentos dos estudantes.

Nesse sentido, a filosofia tem uma importância fundamental na formação da cidadania, uma vez que se espera que os cidadãos, em seu pleno desenvolvimento intelectual, saibam avaliar, discutir e considerar argumentos e pontos de vistas diferentes na sociedade. A filosofia cumpre um papel importante na construção de uma consciência política em uma sociedade democrática. Afinal, como afirma o filósofo Stephen Law (2009, p. 21): "Uma sociedade sem filosofia, em que há pouco pensamento crítico sobre fundamentos, está perigosamente próxima da atrofia".

3.2 O Facebook no Ensino de Filosofia

É ainda muito forte, em nossas escolas, a concepção de ensino centrado no professor, onde o aluno apenas assimila a informação fornecida pelo professor de maneira acrítica, sem questionar ou contribuir significativamente para a construção do conhecimento (GADOTTI, 2000). Nessa visão, o conhecimento é visto como algo pronto e estático e não dinâmico. Uma concepção de aprendizagem baseada na discussão e no diálogo, dá a possibilidade de o aluno questionar e contribuir para uma construção do conhecimento. Temos assim um aprendizado crítico, onde o professor é muito mais um provocador do que um transmissor do conhecimento.

Não é preciso grandes reflexões para perceber que as redes sociais estão centradas na ideia de interação entre seus membros. Nas redes sociais há uma tendência de que os usuários não sejam meros espectadores passivos, todos podem interagir e acrescentar alguma informação ou perspectiva ao conteúdo disponibilizado. É diferente das mídias de massa como a televisão e o rádio, onde o espectador recebia passivamente a informação sem poder interagir com ela. "O que era fluxo massivo nas mídias como a TV, o rádio e o impresso, passa a desempenhar agora o que sugerimos chamar de "função pós-massiva", função personalizável, interativa, estimulando não só o consumo, mas também a produção e a distribuição da informação (LEMOS; LEVY, 2010, p. 47)

Enquanto as mídias de massa, desde a tipografia até a televisão, funcionavam a partir de um centro emissor para uma multiplicidade receptora na periferia, os novos meios de comunicação social interativos funcionam de muitos para muitos em um espaço descentralizado. Em vez de ser enquadrado pelas mídias (jornais, revistas, emissões de rádios ou de televisão), a nova comunicação pública é polarizada por pessoas que forneçam, ao mesmo tempo, os conteúdos, a crítica, a filtragem e se organizam, elas mesmas, em redes de troca e de colaboração. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 13)

Constatamos, portanto, que as mídias de massa não dão abertura para uma interatividade entre o emissor e o receptor da informação, não permitindo sua reconfiguração. Já no "sistema pós-massivo permite a personalização, o debate não mediado, a conversação livre, a desterritorialização planetária" (LEMOS; LÉVY, p.26). Assim, nas redes sociais digitais, embora ainda não se esteja completamente desprovido de um centro emissor da informação, a possibilidade da sua interpretação e da discussão permitem o desenvolvimento de um pensamento mais crítico daquilo que antes era recebido como "verdade absoluta". "De uma relação que ia de um ponto, a programação de um canal de TV, a todos os oitenta ou cem milhões de espectadores, agora parte de uma infinidade de relações que se dão em torno de múltiplos centros, nos quais a fala é de um a um" (MOSÉ, 2015, p. 26). Como afirma Torres (2011, p. 72): "O ciberespaço e a virtualização se tornam, atualmente, ambiente e meio de transformação social, de partilha da cultura e busca de conhecimento."

Ora, queremos uma educação crítica, onde os educandos possam interagir com o saber estabelecido, a fim de compreendê-lo, questioná-lo ou modificá-lo, conforme for necessário. Nesse sentido, as redes sociais, e o Facebook em nosso caso, apresentam esse dinamismo pois possibilita "ao homem sair da condição de receptor de informação para se colocar como aquele que produz e transforma essa informação em conhecimento" (TORRES, 2011, p.72). Portanto, o Facebook, pode ser utilizado não apenas com um ambiente virtual onde depositamos informações, mas um espaço pedagógico onde a discussão é realizada, permitindo a interação entre alunos, na construção coletiva e colaborativa do conhecimento.

Uma das possibilidades do uso do Facebook no Ensino de Filosofia, na perspectiva de desenvolver a argumentação filosófica, está na dinâmica da criação de grupos. Por meio da criação de grupos no Facebook é possível fazer uma troca de experiência direta com os alunos, disponibilizar materiais didáticos, fazer a orientação de trabalhos, esclarecer dúvidas e fazer provocações por meio de perguntas, provocando o diálogo através da rede. "Essa é uma excelente maneira de os alunos trabalharem em projetos de colaboração entre si" (PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2011, p.11)

A própria estrutura do Facebook é dialógica e interativa, uma vez que permite a interação e participação dos usuários por meio de comentários nas postagens. Esses comentários são empilhados um embaixo do outro e se o professor orientar os alunos previamente, poderá, a partir dessa estrutura, estabelecer um diálogo interativo onde todos possam participar, contribuindo dialeticamente na produção do conhecimento.

A utilização de grupos no Facebook pode sistematizar o que se deseja abordar em relação ao processo de ensino aprendizagem e análise de conteúdos e temas diversos, já que permite que os alunos sejam alocados, em conjunto, em um ambiente com interesse de discussão, reflexão, análise e argumentação em comum. (FERREIRA, 2014, p. 18)

Além disso, os alunos podem ter mais clareza dos argumentos que os colegas estão usando e fazerem objeções a eles através dos comentários. Por sua vez, o professor pode mediar a discussão, trazendo a tona aquilo que é mais relevante para a discussão, esclarecendo alguns pontos, retomando os argumentos dos alunos, ou trazendo indagações, revisitando premissas, etc. E a vantagem é que todo esse debate filosófico ficará registrado por escrito na página, podendo ser revisitado a qualquer momento, servindo como uma avaliação processual da aprendizagem dos alunos e do nível de argumentação dos mesmos e pode ser também retomado em sala de aula em outro momento, desencadeando um novo debate, dessa vez presencial, em sala de aula, onde o professor pode analisar juntamente com os alunos os argumentos expostos no grupo, ou transformá-los em objetos de análise pela turma através de debates em pequenos grupos, ou até mesmo em uma avaliação por escrito. Ou seja, as possibilidades são inúmeras.

Além dos grupos no Facebook é possível a criação de páginas sobre qualquer tema que o usuário quiser. Há páginas de todo tipo dentro do Facebook, como se fossem microsites ou microblogs dentro da rede (PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2011).

Há inúmeras páginas sobre Filosofia ou com conteúdo filosófico, algumas mais sérias, com conteúdo mais acadêmico, como páginas de instituições e universidades, e páginas que procuram tornar a filosofia mais acessível ao público leigo através do bom humor, utilizando de tirinhas, charges, quadrinhos, *memes*, vídeos, frases, etc. O conteúdo de algumas páginas

pode ser questionável, como quase tudo na internet, mas é interessante notar que algumas dessas páginas possuem muitas curtidas, o que significa muitos seguidores da página, que por sua vez poderão visualizar as publicações em suas próprias *timelines*. Algumas das principais páginas brasileiras (com conteúdo em português) encontradas através da ferramenta de busca do Facebook foram:

- FILOSOFIA MODERNA - 225.785 curtidas
- FILOSOFIA HOJE - 88.680 mil curtidas
- NOSSA FILOSOFIA - (mais de) 28 mil curtidas
- FILOSOFIA DA DEPRESSÃO - (mais de) 69 mil curtidas
- FILOSOFIA EM VÍDEO - 17.599 curtidas
- PÁGINAS DE FILOSOFIA - 15.546 curtidas
- PROFESSOR DE FILOSOFIA - 13.654 curtidas
- FILOSOFIA NA ESCOLA - 8.283 curtidas
- FILOSOFIA NA ESCOLA - 7.988 curtidas

Muitos professores e estudantes seguem estas páginas para terem acesso ao conteúdo ali disponibilizado. Algumas delas permitem a participação direta dos seguidores, através de comentários ou propondo discussões, ou simplesmente permitindo que seu conteúdo sejam compartilhados pela rede. Sobre o uso didático das páginas do Facebook, Phillips, Baird e Fogg (2011, p. 11) comentam:

As páginas criam uma maneira fácil de alunos e professores compartilharem links relevantes, como artigos de jornais, vídeos on-line ou feeds RSS do blog da sua classe ou do site da sua instituição de ensino. As páginas do Facebook também podem ter recursos de colaboração, como notas (que são como entradas de blog) e comentários. Esses recursos de páginas permitem ampliar o ensino além da sala de aula. Por exemplo, você pode continuar uma discussão que começou na sala de aula.

É possível indicar páginas do Facebook para os alunos com conteúdo significativo ou até mesmo criar uma página da disciplina moderada pelo professor (PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2011). Assim os alunos poderiam buscar conteúdo, interagir de maneira mais produtiva.

4. METODOLOGIA

Uma vez que as redes sociais digitais estão presentes em nosso cotidiano e na vida de professores e estudantes e sendo o Facebook a rede social mais popular da atualidade, nos perguntamos pelas suas possibilidades educacionais. Dada a dificuldade em encontrar recursos didáticos que estimulem o pensamento crítico e desenvolvam as habilidades de raciocínio e argumentação, coloca-se a questão do uso didático do Facebook no Ensino de Filosofia. Esta pesquisa parte do pressuposto de que o Facebook pode ser utilizado para fins pedagógicos. De maneira mais específica, o problema que este estudo pretende investigar é: *Como é possível usar o Facebook para o desenvolvimento da argumentação filosófica no Ensino de Filosofia?*

O objetivo geral deste estudo é apresentar uma reflexão teórica que sustente uma proposta didática do uso do Facebook no desenvolvimento da argumentação filosófica dos estudantes no ensino de Filosofia na educação básica. Os objetivos específicos são:

- Investigar o uso Facebook como espaço de desenvolvimento da argumentação filosófica, através do diálogo e do debate na rede social;
- Identificar e analisar as possibilidades e limitações do uso do Facebook como instrumento didático no ensino de Filosofia.

Assumindo que o problema a ser investigado se configura como uma questão mais pedagógica do que propriamente científica, é necessária uma abordagem qualitativa da questão proposta, já que não se pretende aqui coletar informações com o objetivo de comprovar uma hipótese em detrimento de outra. Neste tipo de abordagem "a verdade não se comprova numérica ou estatisticamente, porém convence na forma de experimentação empírica, a partir da análise feita detalhadamente, abrangente, consiste e coerente, assim como na argumentação lógica das ideias" (BRASIL, 2015). Por isso, espera-se, que os dados coletados nesta pesquisa possam fornecer elementos que sustentem as proposições deste estudo.

Em vista disso, este estudo foi realizado através de um levantamento de opinião com professores de Filosofia, já que "esse tipo de pesquisa procura saber atitudes, pontos de vista e preferências que as pessoas têm a respeito de algum assunto, com o objetivo de tomar decisões" (MANZANATO; SANTOS, 2012, p. 4). Assim, através dos dados coletados é possível explorar possibilidades ainda não pensadas.

Os sujeitos da pesquisa foram professores que utilizam a rede social Facebook e que lecionam a disciplina de Filosofia em instituições públicas ou privadas na região

metropolitana de Porto Alegre. Como a metodologia qualitativa necessita de um recorte limitado da realidade a ser investigada, e dado o tempo disponível, os professores foram selecionados pelo pesquisador pelo fato de já possuírem um contato prévio através das redes sociais.

O instrumento escolhido para a coleta de dados foi um a aplicação de um questionário com perguntas fechadas e abertas, disponível no Apêndice 1. Este questionário foi criado pelo pesquisador utilizando a ferramenta Google Docs¹ e enviado para 20 professores através do Facebook ou e-mail, no período de 08 à 14 de junho. Dentre os 20 professores que receberam o questionário, obteve-se a resposta de 13, dentro do prazo estipulado.

O termo de consentimento da pesquisa também foi enviado junto do questionário por e-mail ou via Facebook. Por se tratar de um questionário online, não foi possível obter assinaturas dos participantes, mas os professores foram informados que ao enviarem os dados os seus dados estavam dando consentimento à pesquisa e permitindo o seu uso anonimamente.

A escolha da utilização de um questionário online se deu pelo seu pragmatismo e eficiência. Dentre as suas vantagens sobre o questionário impresso, Vasconcelos e Guedes (2010, p.8) destacam que:

[...] o questionário eletrônico possibilita sensível aumento na credibilidade e na velocidade de apuração dos dados coletados. De fato, o questionário eletrônico é programado de modo que a tabulação seja automática, uma vez que as respostas são postadas diretamente no servidor da entidade pesquisadora. Essa característica torna também inteiramente confiável a tabulação, reduzindo a zero a possibilidade de erro (a menos, é claro, de um erro sistemático na elaboração das estatísticas).

Assim, dado o tempo disponível para a realização da pesquisa, e por se tratar de um estudo sobre as Mídias na Educação, optamos por utilizar o recurso eletrônico pelas suas vantagens e praticidade.

Quanto ao conteúdo, o questionário referido constitui-se de 25 questões, divididas em duas partes, a primeira contendo 20 questões fechadas e a segunda, 5 questões abertas

As primeiras oito questões fechadas tinham como objetivo traçar um perfil dos participantes da pesquisa e seu contexto educacional. As questões envolviam idade, sexo, grau de escolaridade, formação acadêmica, modalidade de ensino em que atual, tipo de instituição, e faixa etária do público atendido.

¹ Este formulário está disponível no endereço: <
https://docs.google.com/forms/d/1aFDQyVH82Ojl21_qTjYfL6qPB7XNsYxTp2DOcv7zD6g/viewform>

As sete questões seguintes referiam-se ao uso do Facebook pelos professores e por seus alunos, envolvendo questões relacionadas à frequência de acesso, à participação em grupos e páginas e ao uso pedagógico do Facebook nas aulas de Filosofia, tendo como objetivo situar-nos da intensidade em que os professores utilizam as a rede e trocam informações com seus alunos.

As últimas cinco questões fechadas eram referentes ao posicionamento dos professores frente ao uso do Facebook como estratégia pedagógica no ensino de Filosofia, envolvendo questões como se é possível filosofar no Facebook, se é um espaço interessante para desenvolver argumentação filosófica, se acreditam que o espaço potencializa o debate de questões atuais da sociedade, se acreditam encontrar semelhanças entre a ágora grega e se o Facebook, se a rede social pode estimular o diálogo e a argumentação. O objetivo foi mapear brevemente as opiniões dos professores sobre a relação entre Facebook e ensino de Filosofia.

Na segunda parte do questionário, as cinco questões abertas pretendiam coletar as respostas dos professores frente à questão principal deste estudo, a saber, de que modo o Facebook pode ser usado como ferramenta didática do ensino de Filosofia. Para tal, foi questionado qual seria a maneira mais adequada do uso do Facebook para o estudo da filosofia e para o debate filosófico e quais seriam suas limitações ou restrições. Uma das questões abria o espaço para o relato de experiências bem sucedidas com o Facebook no ensino de Filosofia. Outra questão (a única obrigatória) solicitava aos professores que se manifestassem com cinco palavras que associassem com o ensino da Filosofia. O objetivo era de fazer um levantamento daquilo que os professores têm em mente como o mais importante no ensino de Filosofia. Já a última questão abria um espaço para comentários, observações extras a respeito do uso do Facebook para desenvolver a argumentação filosófica.

Embora a maior parte das questões seja de natureza quantitativa, elas servem, porém, para subsidiar e contextualizar a abordagem qualitativa. Metodologicamente esta pesquisa mescla dados quantitativos com dados qualitativos, combinando a abordagem quantitativa com a qualitativa. Os dois métodos não se excluem, pelo contrário, se complementam. (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011).

Os métodos mistos combinam os métodos predeterminados das pesquisas quantitativas com métodos emergentes das qualitativas, assim como questões abertas e fechadas, com formas múltiplas de dados contemplando todas as possibilidades, incluindo análises estatísticas e análises textuais. Neste caso, os instrumentos de coleta de dados podem ser ampliados com observações abertas, ou mesmo, os dados censitários podem ser seguidos por entrevistas exploratórias com maior profundidade. (FARRA; LOPES, 2013, p 70)

Contudo, este é um estudo predominantemente qualitativo quanto à natureza de sua proposta, valendo-se de elementos de natureza quantitativa para dar suporte e consistência na análise e interpretação dos dados coletados.

Quanto à interpretação dos resultados, procurou-se descrever e interpreta-los a partir da reflexão proposta pelo referencial teórico que fundamenta este estudo. A análise leva em consideração as restrições metodológicas, a limitação da amostragem e do número de participantes da pesquisa, do tempo disponível para sua realização, os pressupostos teóricos escolhidos pelo pesquisador e a subjetividade imposta na elaboração do questionário e na interpretação dos dados pelo pesquisador e nas respostas dos participantes. Por tais razões não se tem a pretensão de obter resultados conclusivos, mas contribuir com reflexões significativas na discussão do problema aqui investigado.

Por questões práticas na análise dos dados e para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa foi usado codinomes formados pelas letras P (para professor), F (de filosofia) e um número (1, 2, 3, etc.) de acordo com a ordem de recebimento dos seus dados ao citar suas respostas.

Supõe-se, nesta investigação, que o uso Facebook, como recurso didático, ajuda a desenvolver a argumentação por meio de uma consciência dialógica da construção do conhecimento, onde a construção do saber é feita a partir da contribuição coletiva entre professor e alunos. Espera-se, que a análise dos resultados dê sustentação a esta hipótese.

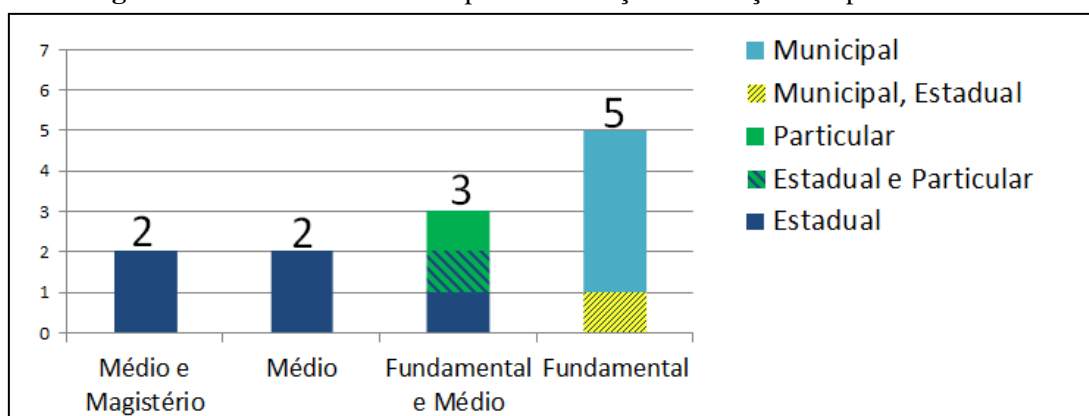
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados é composta de duas partes. Na primeira parte são apresentadas as respostas às questões fechadas do questionário que serviram como um levantamento de dados iniciais, para contextualizar a análise qualitativa que se segue. Na segunda parte é apresentada a análise das respostas às questões abertas, a partir de uma abordagem descritiva. Os dados foram interpretados e comparados a luz do referencial teórico que fundamenta este estudo.

Começamos, então, com a descrição dos dados referentes às questões fechadas de modo a traçar o perfil dos professores participantes da pesquisa e do contexto educacional em que se encontram, bem como dos seus interesses e opiniões relativas ao uso do Facebook no Ensino de Filosofia. Os professores entrevistados possuem a faixa etária entre 21 e 60 anos, sendo 8 homens e 5 mulheres.

Todos os participantes possuem Pós-Graduação, sendo que quatro possuem Mestrado e nove Especialização. Dos treze professores, doze possuem formação especificamente em Filosofia, sendo que oito possuem Graduação, seis, Especialização e dois, Mestrado. Seis professores disseram possuir também formação na área de Ciências Humanas, um na área de Educação e outro na área das Linguagens. Outros dois disseram que apesar da formação não ser na área já cursaram a disciplina ou tiveram algum outro estudo na universidade. Os professores entrevistados lecionam em grande parte no Ensino Fundamental (8) e/ou Ensino Médio (7), além de dois professores lecionarem também no Magistério. A maioria dos professores trabalha no ensino público (sete em instituições estaduais e cinco em instituições municipais) e dois professores trabalham também em alguma instituição particular, conforme podemos ver na figura 5.1:

Figura 5.1– Nível de ensino e tipo de instituição de atuação dos professores entrevistados



Fonte: SILVA, Thiago Delaíde da. Possibilidades e limitações do Facebook no desenvolvimento da argumentação filosófica no ensino de Filosofia, 2015

Quanto à faixa etária dos alunos atendidos por estes professores varia entre 13 e 25 anos, em sua maioria, mas alguns lecionam para alunos menores de 12 anos, dentre os que trabalham no Ensino Fundamental, conforme indica a figura 5.2:

Figura 5.2– Faixa etária dos alunos atendidos pelos entrevistados.



Fonte: SILVA, Thiago Delaíde da. Possibilidades e limitações do Facebook no desenvolvimento da argumentação filosófica no ensino de Filosofia, 2015

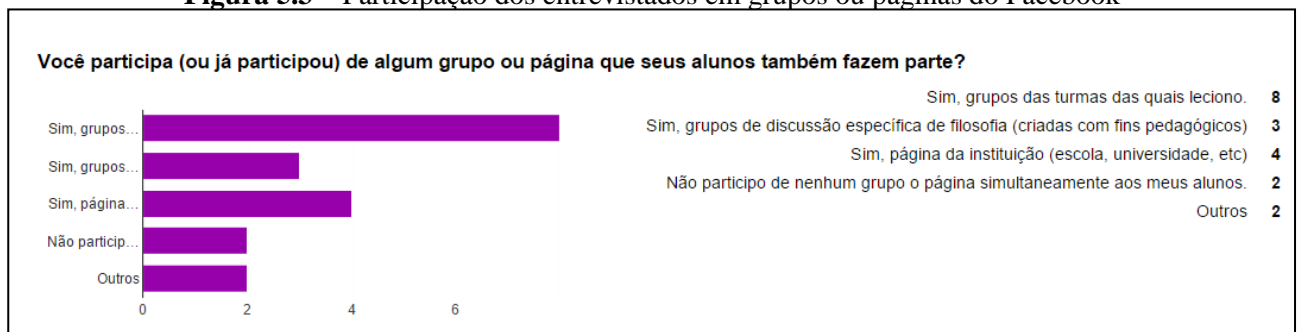
Como podemos ver, a faixa etária dos alunos predominante é de 13 à 18 anos, que corresponderia à idade dos alunos ao final do Ensino Fundamental até a conclusão do Ensino Médio. Quando inqueridos a respeito da frequência que acessam o Facebook, nove professores responderam que acessam diariamente, três muitas vezes na semana e apenas um (1) respondeu que acessa poucas vezes durante o mês. Quando perguntados se são membros de algum grupo de discussão de filosofia no Facebook, seis professores responderam negativamente, cinco responderam que participam, mas não costumam interagir no grupo e apenas dois responderam que participam e interagem com as postagens feitas no ambiente. Quando indagados a respeito de seguirem ou não alguma página com conteúdo filosófico no Facebook, oito responderam que sim e cinco responderam que não. Quando perguntados se seus alunos utilizavam a rede social Facebook, todos foram unânimes em responderem positivamente.

Ao serem questionados se as páginas e grupos de filosofia no Facebook incentivam o estudo da Filosofia, a maioria dos professores (9) responderam positivamente por acreditarem que esses espaços "tornam o conteúdo filosófico mais acessível ao público leigo", enquanto que a minoria (4) acredita que tais páginas e grupos não incentivam de fato o estudo da filosofia "uma vez que o conteúdo disponível é superficial". Ao serem perguntados se já utilizaram o Facebook com objetivos pedagógicos no ensino de Filosofia, a maioria (8) respondeu que sim, afirmando terem tido "uma boa experiência"; quatro professores responderam que, apesar de nunca terem utilizado a rede social, possuem "interesse em

utilizar algum dia"; e apenas um professor respondeu que nunca utilizou e nem pretende utilizar o Facebook com essa finalidade.

Quando perguntados aos professores se estes participam de algum grupo ou página no Facebook que os seus alunos também fazem parte, a maioria respondeu que sim, sendo que oito participam de grupos das turmas que lecionam, quatro participam da página da instituição que trabalham e apenas três participam de grupos especificamente sobre Filosofia (criadas para este fim), como pode ser visto na figura 5.3:

Figura 5.3 – Participação dos entrevistados em grupos ou páginas do Facebook



Fonte: SILVA, Thiago Delaíde da. Possibilidades e limitações do Facebook no desenvolvimento da argumentação filosófica no ensino de Filosofia, 2015

Ao serem questionados se é possível filosofar no Facebook, a maioria (9) concorda que "é possível filosofar no Facebook, apesar de não haver um tratamento acadêmico das questões discutidas" enquanto que os demais (4) responderam que "não é possível filosofar no Facebook, apenas problematizar questões filosóficas de maneira muito superficial".

Evidentemente dar um tratamento acadêmico às questões filosóficas discutidas em uma rede social seria uma exigência exagerada, mas isso não significa que filosofar corresponda apenas e tão somente discutir academicamente. Certamente filosofar de maneira mais profunda necessita de um tratamento mais especializado das questões filosóficas, no entanto quando se pensa no ensino de Filosofia na educação básica não se busca esse objetivo. O objetivo é que o aluno alcance suas competências básicas e para isto precisa ser estimulado. "Ensinar a filosofar é então uma questão de ensinar gradualmente algumas competências filosóficas centrais, ao mesmo tempo em que ensinamos também alguns conteúdos filosóficos" (MURCHO, 2013, p37). Mesmo que o Facebook ofereça um espaço limitado para tratar questões filosóficas, não significa que não seja possível filosofar na rede, pois isto implicaria em também sublinharmos restrições em filosofar em sala de aula, pois as limitações acadêmicas também estão presentes ali.

Quando se refere à possibilidade de argumentação, ao serem indagados se consideram o Facebook um espaço interessante para desenvolver argumentação filosófica, somente um

respondeu negativamente, por acreditar que "as discussões feitas no Facebook não ultrapassam o senso comum" e que os debates não são aprofundados; dois professores responderam afirmativamente, concordando que o Facebook "é um espaço que possibilita o debate e argumentação filosófica"; e a grande maioria (dez) dos professores concorda que "é possível desenvolver um debate filosófico neste espaço" mas que tudo depende do modo como a discussão é feita e se os participantes sabem argumentar, ou seja, o espaço possibilita a argumentação e o debate, mas não os garante.

Este ponto retoma a ideia de que o desenvolvimento da argumentação depende do estímulo que parte da metodologia dialógica da Filosofia e que toda discussão filosófica também depende do em boa parte da capacidade argumentativa dos envolvidos. Isso significa dizer que ao mesmo tempo em que a discussão filosófica, como método de aula, incentiva a argumentação, o desenvolvimento da argumentação torna uma discussão filosófica mais produtiva. Afinal, "uma discussão filosófica é cumulativa; cresce ou se desenvolve, e por meio dela os participantes podem descobrir muitos horizontes" (LIPPMAN; SHARP; OSCANYAN, 2001, p. 145).

Em seguida foi indagado se os professores acreditam que as redes sociais potencializam o debate de questões sociais da atualidade, onde praticamente todos (doze) acreditam que "o Facebook um espaço que pode potencializar a discussão de temas sociais importantes", com exceção de um professor que compreende o Facebook apenas como "um espaço apenas de relacionamento e entretenimento".

Esta questão traz à tona a discussão de se as redes sociais podem ser veículos que potencializem a capacidade que as pessoas têm de refletir e discutir de maneira crítica a respeito das questões sociais. A opinião dos professores parece estar de acordo com o pensamento de Lemos e Levy (2010, p. 14), para quem "a computação social aumenta as possibilidades de inteligência coletiva e, por sua vez, a potência do 'povo'" e "esse novo espaço redefine radicalmente as condições de governança e vai, provavelmente, engendrar novas formas políticas, ainda dificilmente previsíveis" (p. 52). Esse ponto é reforçado ainda por Castels (2003, p. 7) ao dizer que "é por isso que as redes estão proliferando em todos os domínios da economia e da sociedade, desbancando corporações verticalmente organizadas e burocracias centralizadas e superando-as em desempenho".

Ainda sobre esse aspecto Mosé reitera dizendo:

Não apenas as pessoas antes isoladas puderam ganhar poder, mas, com o acesso cada vez mais democratizado à informação, uma geração de jovens, munidos de algum conhecimento e muita ousadia, produziu novos centros geradores de lucro e desfez antigos, ao mesmo tempo que criou novos modelos de negócios, novos modos de gestão, e inspirou novas lideranças. (MOSE, 2015, p. 23)

Os professores ainda foram indagados sobre a comparação das redes sociais digitais com a *Ágora grega* (praça pública) onde eram debatidos as principais questões da *Pólis*, se acreditavam que poderíamos chamar o Facebook de uma *Ágora Virtual*, onde oito professores responderam afirmativamente e cinco negativamente.

Esta questão foi propositalmente feita para polarizar as opiniões dos participantes, a fim de que estes fossem forçados a um posicionamento mais convicto diante da pergunta. É curioso que na questão anterior quase todos os professores estavam dispostos afirmar que as redes sociais potencializam a capacidade dos sujeitos de emitir suas opiniões e discutir temas sociais, mas alguns destes não estão dispostos a aceitarem o Facebook como uma *ágora virtual*. As razões dessa posição podem ser muitas. Os professores podem achar equivocada ou exagerada a comparação entre o Facebook e a praça pública grega ou podem não ter refletido suficientemente sobre a questão.

Seguindo a argumentação apresentada na fundamentação desta pesquisa vale lembrar que existem semelhanças entre a praça pública e os ambientes virtuais do ciberespaço, assim como existem diferenças, mas parece que no que tange aos aspectos mais importantes, a *ágora virtual* parece servir como uma metáfora interessante para as redes sociais, afinal elas "permitem ao homem sair da condição de receptor de informação para se colocar como aquele que produz e transforma essa informação em conhecimento" (TORRES, 2011, p.72).

Ao serem questionados se o Facebook poderia ser utilizado como uma ferramenta pedagógica no ensino de filosofia para estimular o desenvolvimento do diálogo e da argumentação filosófica, a maior parte dos professores (nove) respondeu afirmativamente considerando que "o Facebook tem um grande potencial para desenvolver o diálogo e argumentação filosófica", enquanto que apenas quatro professores são contrários a esta ideia por entenderem que "o Facebook não é uma ferramenta adequada para esta finalidade devido às suas limitações e ao fato de não ser ter sido concebido originalmente com esse objetivo pelos seus idealizadores".

De acordo com o que sabemos sobre o Facebook ele foi projetado com outros propósitos que diferem do que estamos investigando, entretanto, como tudo o que faz parte do universo humano pode ganhar um novo significado e um novo uso, como uma cadeira que originalmente projetada para sentarmos pode transformar-se em um objeto que nos auxilie trocar uma lâmpada na ausência de uma escada, assim o Facebook também pode ser resignificado. Assim, apesar de o Facebook não ser uma ferramenta que vise desenvolver a argumentação, pode servir a este propósito. "O Facebook pode aprimorar a aprendizagem

dentro e fora da sala de aula" (PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2011, p. 2). Passemos, agora, a apresentação e análise das respostas às questões abertas. Elas serão apresentadas em blocos de acordo com as questões propostas no questionário.

Questão 1: Em sua opinião, qual seria a forma mais adequada de usar as redes sociais (Facebook) para incentivar o estudo da filosofia e o debate filosófico?

Nem todos os professores que responderam a esta questão foram unânimes em sugerir a maneira mais adequada de utilizar o Facebook no Ensino de Filosofia. PF9 afirmou que: *"Não divido o espaço do Facebook com meus alunos das disciplinas de filosofia e sociologia, motivo pelo qual, não me é possível emitir juízos de qualquer natureza acerca desta prática"*. Ao que PF7 afirmou não ter uma opinião formada sobre o assunto. Esse posicionamento se justifica já que alguns professores haviam mencionado não participarem de grupos ou seguirem páginas de Filosofia no Facebook ou não manifestaram interesse em usar o espaço como ferramenta didática em suas aulas.

Os demais pareceram ser favoráveis ao uso do Facebook no Ensino de Filosofia e deram sua contribuição. De acordo com a resposta de PF1, uma forma interessante de trabalhar o ensino da Filosofia no Facebook seria *"através de grupos fechados, que permitam certa continuidade de interações e aprofundamento de discussões sem a tensão do momento, com mais independência de reflexão"*. A justificativa segundo a resposta dada por PF1 é que o meio virtual *"pode promover o envolvimento de pessoas que presencialmente não se manifestariam"*. PF7 afirma que o melhor modo de usar o Facebook para incentivar os estudantes a aprenderem filosofia seria *"através de grupos de estudo com os estudantes, onde se proporem atividades e pesquisa"* e PF8 também sugere *"criar grupos específicos com metodologia e pessoal previamente selecionado com interesses afins"*.

Quanto a criação de páginas sobre filosofia PF11 opinou que *"dedicar página específica para esse fim (incentivo do estudo da filosofia e do debate filosófico) sem espaço limitado de debate"* poderia ser um bom *"mecanismo para filosofar"*, enquanto que PF4 afirmou que *"encontrar as páginas dedicadas ao tema, ler e filtrar os assuntos que interessam e utilizá-los no espaço escolar ou mesmo em casa"* seria uma forma de usar a ferramenta para o estudo da filosofia.

Este aspecto de se ter um espaço ilimitado para o debate, onde as discussões não precisam ser condicionadas por limitações físicas, como é o caso de um material impresso, ou mesmo a limitação do tempo em sala de aula, parece ser um ponto a favor do uso dos espaços virtuais, além disso, podemos acrescentar que "o ciberespaço oferece uma liberdade de

expressão, memória e navegação na esfera informacional infinitamente maior do que todas as outras mídias anteriores" (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 55). Sendo assim, o meio virtual concede um leque infinito de possibilidades quando se trata de pesquisa, afinal "as redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes" (CASTELLS, 2003, p. 7).

Outra sugestão de um dos professores foi a criação de uma Biblioteca Digital com textos e vídeos, tendo sido relatado o êxito dessa experiência em outras situações. PF3 afirma que *"existe a possibilidade de criarmos instrumentos como, por exemplo, BIBLIOTECA DIGITAL. Criei uma no ano passado onde disponibilizo textos filosóficos e vídeos"*.

Esta é outra possibilidade que evidentemente parece interessante. Hoje a internet pode ser vista como uma grande Biblioteca Virtual, mas há dificuldade de saber como selecionar o conteúdo adequado se torna um problema, já que vivemos uma sociedade intoxicada pelo excesso informação (GOMES, 2006). É importante saber filtrar essa informação afim de que ela possa transformar-se em conhecimento. Por isso, uma Biblioteca Digital criada pelo professor e disponível no meio virtual pode ser uma boa solução para o estudo da filosofia e oferecer a leitura necessária que os alunos precisam para desenvolver uma boa argumentação.

Alguns professores se manifestaram de maneira mais reflexiva trazendo outros elementos importantes para a discussão. PF2 afirmou que:

PF2: Primeiramente é necessário chamar atenção das pessoas para a filosofia, é necessário tirá-las de suas "zonas de conforto." Depois é preciso ensina-las que sua opinião não é a única, incentivar a pesquisa científica e proporcionar espaços e grupos onde a investigação e aprendizagem sejam o foco e não apenas o debate e a disputa ideológica.

De fato este aspecto mencionado por PF2 é fundamental, uma vez que atividade filosófica é "um exercício de nossa faculdade de pensar as coisas, de aprender os seus sentidos, de buscar a significação que elas têm para nós" (SEVERINO, 2010, p.03-04), sendo, pois, necessário um trabalho prévio com os estudantes, esclarecendo que o debate filosófico se constitui não apenas pela expressão das opiniões, mas pelo exame racional dos argumentos que embasam essas opiniões (LIPPMAN; SHARP; OSCANYAN, 2001). Entretanto é importante lembrar que quando se trata de argumentação "o ponto de partida são sempre dados já adquiridos em nossas vivências, e o caminho é o da articulação entre esses dados" (SAVIAN FILHO, 2010, p. 15), além disso "o levantamento de opiniões sobre o assunto que vai ser tratado não só é vantajoso, mas também necessário para despertar o interesse e a atenção dos alunos" (SOUZA, 2004,p. 165), pois este é o ponto de partida do método

dialógico (SOUZA, 2004). Parte-se da opinião prévia dos alunos, e aos poucos avançamos progressivamente na discussão filosófica, a partir da análise de argumentos e conceitos (LIPPMAN; SHARP; OSCANYAN, 2001).

Por isso é importante que o professor esclareça ao aluno que não se trata de um debate pelo debate e que devemos superar o que PF2 chamou de "*disputa ideológica*". É necessário avaliar os pressupostos dos argumentos e dos nossos pontos de vista afinal "é no nível dos pressupostos e premissas que podemos ter os melhores debates filosóficos" (SAVIAN FILHO, 2010, p.22).

Outro item mencionado pelos professores diz respeito a modo como o debate filosófico é conduzido na rede. PF5, que afirmou que:

PF5: Qualquer rede social serve para um fim adequado ao seu propósito, se o debate filosófico for bem conduzido, levado a sério pelos participantes, creio que é uma boa ferramenta de participação de algumas pessoas que não tem acesso a outros meios de participação filosófica.

O que parece estar sendo dito por PF5 é que a rede social pode ser uma boa ferramenta para aqueles que não se manifestam durante as aulas ou mesmo para aqueles que não possuem outros momentos de interação e discussão filosófica. Se pensarmos, por exemplo, que a carga horária da disciplina de filosofia no Ensino Médio é de apenas um período semanal, podemos compreender a necessidade de dar continuidade a uma discussão que não foi possível ser terminada na aula presencial. Kohan (2007, p.60) expressa essa dificuldade da seguinte forma:

Há um tempo requerido pela experiência do pensar filosófico. O pensar tem seus ritmos, sua duração rítmica, e uma certa avidez por se prolongar um pouco mais. Frente a essa temporalidade do pensar, a disciplina filosófica se encontra perante outros tempos: o tempo do cronograma escolar, dos semestres, das horas de classe, dos programas, das datas de exames, dos momentos para deixar um nível de ensino e acessar outro. Como a filosofia pode tornar compatível essa dupla exigência temporal, essas duas temporalidades?

Há uma incompatibilidade entre o tempo do pensar e o tempo escolar. Essa dicotomia temporal que angustia os professores de filosofia das escolas e confere um verdadeiro problema no ensino da disciplina é uma realidade difícil de ser resolvida. Nesse sentido, o espaço virtual do Facebook, pode a ser uma ferramenta que possibilita a ampliação desse tempo e espaço de estudo como se fosse uma extensão da aula presencial. Essa seria uma forma de tentar solucionar esta incompatibilidade de tempos, e dar conta do tempo burocrático da escola e da "temporalidade do pensar" que a filosofia exige (KOHAN, 2007).

Além disso, outro ponto importante de levar em consideração na contribuição de PF5 é a questão de que para que um debate filosófico possa fluir é preciso uma condução adequada

e a seriedade dos participantes, no caso os estudantes. Esse pensamento está de acordo com a ideia de que o professor de filosofia deve ser o mediador do debate e da discussão filosófica agindo como um parceiro das ideias (SPLITTER; SHARP, 2001). Sem essa mediação um debate filosófico pode facilmente sair do seu objetivo e cair em uma discussão sem propósito. Dessa forma, o professor de filosofia precisa saber o momento adequado de explorar um comentário de um aluno, trazer a tona algum aspecto relevante em sua manifestação e por meio de perguntas e respostas conduzir dialogicamente a discussão (LIPPMAN; SHARP; OSCANYAN, 2001). Por isso a necessidade de transformar o espaço da aula de filosofia em uma "comunidade de investigação dialógica cooperativa", onde "o aluno é convidado a participar de um diálogo disciplinado, aprendendo a raciocinar em conjunto com os outros". Se, levarmos em consideração que uma discussão bem organizada no Facebook mantém os comentários dos estudantes registrados, podendo ser, por isso, melhor examinados, parece ser um bom ponto de partida para iniciar ou dar continuidade a uma discussão filosófica, mediada pelo professor. Assim "o aluno é estimulado a falar e escrever, descobrindo em si mesmo a necessidade de ser racional em vez de controverso" (SOUZA, 2004, p. 168).

Outra manifestação que segue a mesma direção foi a do PF10, que fez a seguinte colocação:

PF10: Para que as redes sociais virtuais se tornem mais produtivas, do ponto de vista filosófico reflexivo, entendo que a figura do professor deva se manter presente. Mesmo se tratando de um espaço na maioria das vezes utilizado para que o sujeito relaxe, é necessário que as manifestações por parte dos professores sejam guiadas de modo politicamente pedagógicas. Ou seja, sempre promovendo comportamentos intelectuais e éticos exemplares. O que a meu ver, demonstra as jovens o modo de agir socialmente de tais profissionais que exercem forte influência em suas atitudes.

Esse é outro ponto importante a ser considerado, de que não basta que o professor conduza um debate em rede apenas baseado em princípios filosóficos, mas deve ter em mente aquilo que PF10 chamou de "*politicamente pedagógico*", que aqui é interpretado pela ideia de que todo ato educativo é também um ato político e que "fazemos política sempre, ao educar, mesmo que inconscientemente" (LORIERI; RIOS, 2004, p. 38). Assim PF10 chama a atenção para o exemplo ético que o professor deve ser para seus estudantes, ou seja, se o professor espera de seus alunos atitudes éticas durante um debate filosófico, como saber ouvir, considerar o ponto de vista do outro sem desmerecê-lo, evitar preconceitos ou zombarias, ele deve ser o primeiro a ter esta atitude.

Os estudantes "podem não estar dispostos - ou não ser capazes - a ouvir um ao outro, a resistir a fazer comentários pejorativos na discussão, ou a permitir que suas próprias ideias sejam formadas ou questionadas pelos outros", mas o professor deve agir como um "catalisador" e "chamar a atenção para construir uma comunidade de investigação", baseado em princípios éticos (SPLITTER; SHARP, 2001, p. 181). Esse aspecto é ainda mais importante levar em consideração na rede, uma vez que o contexto virtual pode dar mais força para alguns estudantes fugirem do objetivo proposto.

Dentre as respostas coletadas foi possível observar que grande parte dos professores sugeriram que a forma mais adequada de usar o Facebook no ensino de Filosofia seria através da criação de grupos fechados. Esses grupos poderiam ser utilizados para a "disponibilização de material suplementar", para realização de "atividades de pesquisa" e "debates", servindo como "grupo de estudos" ou servindo como um "espaço para esclarecimento e tirar dúvidas".

Questão 2: Em sua opinião, quais são as principais limitações do uso do Facebook como ferramenta para o debate filosófico?

Os professores participantes da pesquisa foram bastante críticos quanto ao uso do Facebook como ferramenta para o debate filosófico que vise o desenvolvimento da argumentação. Todavia suas críticas possuem relevância para a discussão aqui proposta.

De acordo com PF6, a principal limitação do uso do Facebook para desenvolver um debate filosófico é que *"a participação em espaços virtuais não tem a força motivadora que o desejo de interação presencial dos alunos pode promover"*. PF6 justifica dizendo que *"por exigir, pela temática, mais foco e ser menos excitante que outros assuntos correntes, pode haver uma baixa adesão ou perda de adesão"*. Essa opinião vai ao encontro de PF10 ao afirmar que *"o objetivo prévio da busca pelas redes sociais e o costume cultural da superficialidade em alguns níveis da sociedade da informação"* são elementos que conferem dificuldades para o uso do Facebook como ferramenta para o debate, ao que é complementado pela opinião de PF5, segundo o qual a principal limitação se dá quanto ao *"excesso de postagens, digamos, fúteis, acaba por prejudicar a nossa atenção em relação à posts mais 'relevantes', uma vez que não possuímos tempo suficiente para darmos conta de tudo que é publicado"*.

Tais argumentos parecem seguir uma direção parecida com as críticas feitas ao mundo virtual e por consequência a virtualidade das relações no ciberespaço e nas redes sociais, por autores como Bauman (2011, p. 22), que afirma:

Para um jovem, o principal atrativo do mundo virtual é a ausência de contradições e objetivos conflitantes que rondam a vida off-line. O mundo on-line, por outro lado, cria uma multiplicação infinita de possibilidades de contatos plausíveis e factíveis. Ele faz isso reduzindo a duração desses contatos e, por conseguinte, enfraquecendo numa vida de contínuas emergências, as relações virtuais derrotam facilmente a “vida real”.

Segundo esta perspectiva, os jovens contemporâneos estão imersos em uma cultura do descartável e não são capazes de laços duradouros, nem criar vínculos com ideias que fujam de seus interesses imediatos, o que limitaria adesão a produção intelectual na rede. Conforme Rabelo e Almeida (2013, p. 20): "A fragilidade dos relacionamentos, sua fugacidade, velocidade e descartabilidade exigem que seu fluxo seja grande e altamente variado, o que não permite que se passe muito tempo preso a um só assunto, informação ou pessoa".

A questão da falta de tempo aparece também nas observações de PF8 ao dizer que *"os limites podem vir com a falta de tempo em participar mais assiduamente de questões mais acirradas, que demandam uma pesquisa mais elaborada para uma argumentação mais rebuscada"*. É evidente que a falta de tempo por parte dos professores é uma das maiores dificuldades que se colocam diante do uso dos espaços virtuais de aprendizagem. A carga horária dos professores em geral é carregada e trabalhar com esse tipo de mídia exige tempo e dedicação. Como fazer para superar essa dificuldade? Eis um problema em aberto que exige nossa atenção.

De acordo com PF7, as limitações são quanto ao *"excesso de informações sem fonte confiável"* e espaço *"privilegia a disputa ideológica e não a construção de conhecimento sintético"*. É verdade que o excesso de informações dificulta a aprendizagem no mundo virtual por isso "o processo de comunicação deve afirmar a interatividade e propugnar a superação da intoxicação informativa a que está sendo submetido o ser humano contemporâneo" (GOMES, 2006, p. 54). Essa dificuldade própria de nosso tempo pode ser um dos fatores leve a *"disputa ideológica"* mencionada por PF7 já que "cada vez mais as pessoas se fecham sobre si mesmas, não dando condições de acessibilidade aos demais" (GOMES, 2006, P. 52). Por *"conhecimento sintético"* o professor pode estar se referindo a capacidade de construirmos sínteses a partir das discussões propostas, o que exigiria certa maturidade intelectual, capacidade crítica e disposição de reconhecer a o pensamento do outro, algo que seria limitado neste espaço, ou o professor pode estar se referindo mais especificamente a produção do conhecimento sintético kantiano, conceito que afirma que só possuímos verdadeiro conhecimento, se submetemos nossas experiências a uma capacidade analítica da razão (KANT, 1980). Uma vez que essa competência seria pouco explorada na rede, trata-se de uma dificuldade que surge como limitante no uso do Facebook como ferramenta para o debate filosófico.

PF11, ainda menciona como dificuldade "*a falta de fluência no debate*" e PF9 acredita que o Facebook "*para o debate talvez não seja um bom instrumento, porém para informação é positivo*". É difícil interpretar as razões de tais afirmações, mas pode-se inferir que da mesma forma que o espaço virtual disponibiliza a informação, e apesar de possibilitar uma discussão por meio de comentários nas páginas e grupos do Facebook, esta é uma tarefa mais complexa e que exige um certo dinamismo e a participação direta do professor.

Outra crítica quanto as limitações do Facebook como ferramenta para o debate filosófico é mencionada por PF2 da seguinte forma:

PF2: Primeiramente, o fato do conhecimento ser exposto livremente de acordo com o dono/moderador das páginas, o que pode levar a distorções ou opiniões muito pessoais. Segundo, as discussões que surgem sobre determinados temas podem ser absolutamente desregradas levando a embates desnecessários onde a essência do estudo fica em segundo plano.

Sem dúvida a moderação dos grupos e páginas é um aspecto muito importante a se considerar. Quando se trata de comunidades virtuais no ciberespaço "os líderes e moderadores têm a função de animadores de comunidades virtuais" (MUSSOI; FLORES; BEHAR, 2007, p. 04). Sua função ser "o agente da ação social" dentro do espaço virtual, pois é este que "promove a inter-relação, instiga à participação, traz ideias e temas a serem debatidos" (MUSSOI; FLORES; BEHAR, 2007, p.04). O moderador do grupo ou página no Facebook pode ser o professor, mas poderia ser muito bem um ou mais alunos, que tenham facilidade com a função, espírito de liderança e compromisso.

Resumidamente podemos citar que as principais limitações relativas ao uso do Facebook como ferramenta para o debate filosófico, apontados pelos professores foram os seguintes aspectos:

- Limitação nas publicações;
- Conhecimento exposto livremente;
- Distorções ou opiniões pessoais;
- Discussões desregradas;
- Embates desnecessários;
- Excesso de postagens fúteis ou superficiais;
- Falta de tempo para acompanhamento;
- Pouca força motivadora em relação a interação pessoal;
- Baixa adesão dos estudantes;

- Fontes pouco confiáveis de informação;
- Disputas ideológicas;
- Limitações para argumentação mais rebuscada;
- Não é uma boa ferramenta para o debate, mas é boa para informar;
- Superficialidade dos participantes ou das postagens (costume cultural);
- Falta de fluência no debate.

Questão 3: Você possui alguma experiência do uso do Facebook que no ensino de Filosofia que considere relevante relatar? Como foi essa experiência?

As principais contribuições dos professores participantes da pesquisa quanto esta questão foram:

PF1: Não tenho este tipo de experiência, mas interagi virtualmente em contexto educacional com a plataforma Moodle, e gostei desta experiência. Compartilhar textos, reflexões, e viabilizar um espaço de discussão e reflexão virtual pode abrir espaço para uma interação qualificada. Todavia, também acontecia muito dos alunos apenas tentarem se livrar das tarefas.

PF2: Criação de BIBLIOTECA DIGITAL A experiência tem sido positiva com estudantes da escola onde leciono. Nem todos se interessam, mas para aqueles que tem interesse, é muito eficiente.

PF3: Minha experiência foi a possibilidade de publicar aulas de filosofia para leigos e produção de vídeos por parte de meus alunos.

PF4: Eu comecei a lecionar Filosofia há três anos com bases muito limitadas. A rede social contribuiu na aquisição de dicas e material e auxiliou no preparo de algumas aulas.

PF5: O espaço Filosofia Hoje com mais de 88 mil fãs e 12 integrantes no grupo de diálogo. Centenas de pessoas já me agradeceram por apresentar-lhes a filosofia e relatam que vão cursar a universidade de filosofia. Atualmente montei o Centro de Estudos Independente Filosofia Hoje (CEIFH) e estamos disponibilizando cursos online, logo mais teremos uma revista científica, tudo com muito rigor, mas sem o academicismo das universidades.

Semanalmente posto algum assunto relevante ao nosso estudo formal de sala de aula, seja um filme, uma reportagem, livro, e então sinalizo para os estudantes de uma determinada série como sendo uma espécie de estudo de campo. O resultado, para minha surpresa, é mais eficaz do que quando promovo a mesma atividade no ambiente escolar. O motivo? Ainda não sei. Mas intuo que esteja aí um dos pontos fundamentais para deciframos.

Nota-se que segundo estas experiências, o Facebook pode servir como suporte pedagógico favorável para o estudo da Filosofia. Evidentemente que muitas das funções que encontramos no Facebook são semelhantes a de outras redes sociais e mesmo como o uso de plataformas de aprendizagem virtuais como Moodle, mencionado por PF1, e não se pode pensar em uma exclusividade absoluta do uso do Facebook para estes fins, entretanto há algumas características que tornam seu uso relevante, como o fato de os alunos já fazerem parte da rede e, portanto, ser uma mídia de uso familiar destes, os diversos recursos disponíveis e a facilidade do seu uso, a interatividade, o pragmatismo da interface, a rapidez das respostas do software, dentre outros. "O Facebook pode fornecer aos alunos a oportunidade de apresentar suas ideias, conduzir discussões on-line e colaborar de forma efetiva"(PHILLIPS; BAIRD; FOGG, 2011, p.3). Assim o Facebook, segundo a contribuição dos professores, poderia ser utilizado como suporte extraclasse, na disponibilização de materiais didáticos, tarefas, estudos extras, enfim como um recurso de apoio pedagógico que auxilia a aprendizagem dos alunos.

Questão 4: Quais as 5 palavras que primeiro vêm à sua mente quando você ouve ou lê a expressão "Ensino de Filosofia"?

Quanto a essa questão os participantes deram respostas muito diferentes, parecendo ter concepções um pouco diferentes a respeito do Ensino de Filosofia, já que poucas palavras se repetiram. As palavras que mais foram mencionadas pelos professores quando pensam na expressão "Ensino de Filosofia" foram:

- Reflexão/ Refletir;
- Argumentar / Argumentação;

- Debate/ Debate Filosófico;
- Pensar;
- Conhecimento / Sabedoria;
- Dúvida / Questionamento.

Destas palavras as duas que juntas apareceram mais vezes (6) foram REFLEXÃO e REFLETIR. As demais não se repetiram mais do que três vezes. As demais palavras que surgiram apareceram uma única vez. Se considerarmos que as palavras indicadas pelos participantes da pesquisa são frequentemente associadas com o estudo e o ensino de Filosofia parece que a maioria dos professores tem uma concepção padronizada de filosofia, entretanto, como as palavras não foram unânimes, não podemos fazer tal afirmação. Entretanto podemos questionar as razões pelas quais as palavras REFLEXÃO e REFLETIR apareceram o dobro de vezes do que as palavras ARGUMENTAR e ARGUMENTAÇÃO, sendo que DEBATE / DEBATE FILOSÓFICO apareceram menos ainda (apenas duas vezes). Será que os professores de filosofia que participaram desta pesquisa possuem uma visão de um ensino de Filosofia que privilegia mais o pensamento reflexivo do que o argumentativo? Mas que tipo de reflexão filosófica seria esta distante da argumentação? Não temos como inferir a resposta, dado as nossas limitações metodológicas, mas é importante ter esses dados em mente, pois a concepção filosófica que os professores têm do ensino de Filosofia pode justificar suas respostas às outras questões. Se levarmos em conta que "submeter o pensar ao repensar de maneira examinativa e séria" (LORIERI;RIOS, 2004, p. 22) é o que chamamos de reflexão, temos que admitir que o pensamento reflexivo está intimamente ligado com o pensamento argumentativo, pois é a reflexão profunda sobre as coisas que permite dar consistência a argumentação filosófica.

Questão 5: Caso deseje, utilize o espaço a seguir para os seus comentários sobre o Facebook como um espaço interessante para desenvolver a argumentação filosófica.

Quanto a essa questão houve pouca participação. Analisaremos algumas das contribuições mais relevantes. A primeira delas é a seguinte:

PF1: Embora a comunicação no Facebook muitas vezes seja antes sintética do que analítica, mais descritiva, constatativa do que reflexiva, ainda assim há espaço para a retomada de conceitos, para a reformulação cooperativa de ideias, proposições, enfim.

Este aspecto é interessante, pois segundo o que se pode perceber da maior parte do conteúdo que circula no Facebook, aparentemente, é compartilhado pelo grande público de maneira acrítica, uma vez que em geral se pensa neste espaço com um ambiente de entretenimento, de relacionamento interpessoal e não como um espaço exclusivamente educativo e ou um local onde se pode exercer a liberdade de pensamento. Por tal razão o conteúdo exposto aparece de maneira informacional em um primeiro momento e a tendência natural é que o viés de análise seja apenas descritivo e não reflexivo em termos de análise argumentativa. Mas como pode-se notar PF1 compreende que o Facebook pode se configurar como um espaço para uma reformulação conceitual e argumentativa a partir deste conteúdo disponibilizado. Como afirma Torres (2011, p. 62): "Ao pensar em ciberespaço, logo, destaca-se a importância da interatividade enquanto um lugar de encontro e aberto a aceitar a interferência do outro na construção do seu processo de criação".

Outra manifestação interessante foi a seguinte:

PF2: O Facebook aproxima pessoas, culturas e ideologias do mundo todo. Isto por si só é uma maneira de romper o isolamento decorrente do individualismo inerente à nossa organização social. Obviamente, a própria filosofia discute as possibilidades apresentadas pela tecnologia: podemos ser mais livres ou mais controlados dependendo do ponto de vista. Mas creio que o professor de ciências humanas é preparado para não cair nas armadilhas que surgem nas redes. Por isso, organização, domínio daquilo que nos propomos a debater e mediação são fundamentais para se tirar proveito das redes sociais!

Esta linha de argumentação nos faz pensar que apesar das diversas críticas que possamos fazer as redes sociais e a cultura gerada a partir das trocas de experiências no ciberespaço, existe uma aproximação benéfica que acontece entre as pessoas, e que só é possível através da tecnologia. De fato a Filosofia pode e deve questionar o papel das tecnologias e do nosso agir no mundo virtual, do quanto somos controlados e de quanta liberdade realmente dispomos. A vida na rede, afinal de contas, é real ou é uma ilusão? As redes sociais limitam ou ampliam nossa capacidade de nos manifestar? Estamos nos isolando mais ou estamos mais conectados? Que tipo de conexão temos uns com os outros? Conforme Castells (2005, p. 442), devemos nos questionar se o ciberespaço "favorece a criação de novas comunidades, comunidades virtuais, ou, pelo contrário, está induzindo ao isolamento pessoal, cortando os laços das pessoas com a sociedade e, por fim, com o mundo 'real'?".

PF3: É um ótimo espaço, mas primeiramente é necessário ensinar que filosofar não é dar a sua opinião, mas sim a noção radical de que sua opinião é apenas uma opinião. O conhecimento filosófico só é encontrado muito além das opiniões.

"Filosofar é uma experiência intelectual" (SEVERINO, 2010, p.03-04) e exige do desenvolvimento e maturidade cognitiva, que só pode ser adquirida com o tempo. Embora deva-se ter claro que filosofar não é o mesmo que opinar, que a filosofia busca o conhecimento e a verdade e não uma mera construção subjetiva de ideias, ou seja, não busca formar opiniões, mas examinar razões que as sustentam, para tal é necessário partir das opiniões, da mesma forma como Sócrates fazia com seu método dialógico. Assim "o processo do filosofar tem início na problematização da experiência vivida dia após dia pelos jovens" (SOUZA, 2004, p. 165). O cotidiano, as situações reais e as opiniões irrefletidas ancoradas no senso comum, passam a ser objeto de exame filosófico atento. Assim, o Facebook, pode vir a ser uma boa ferramenta para iniciar uma discussão filosófica, desenvolver um diálogo, ou dar continuidade a um debate, promovendo então, por meio do hábito, a construção de um espírito argumentativo e questionador nos estudantes. Como afirma Torres (2011, p. 70-71):

Toda educação comprometida com o desenvolvimento de habilidades reflexivas e de autonomia no pensar dos alunos necessita criar condições para que eles, enquanto pesquisadores, possam, a partir das suas experiências conceituais, trilhar caminhos que os ajudem a desenvolver competências discursivas, utilizando a língua e a escrita de modo significativo, interativo, dialógico e de interlocução.

Por fim, é importante ter em mente que o processo de desenvolvimento da argumentação é uma competência filosófica necessária ao exercício da cidadania, mas que não pode ser um fim em si mesma. A argumentação não pretende ser uma um embate retórico de discursos que embora coerente logicamente, não tenha pretensão de serem superados. A argumentação filosófica não é um fim em si mesma, mas está a serviço do diálogo, que além de lançar mão de princípios lógicos e filosóficos, deve também estar amparado em considerações éticas. Assim afirmam Lemos e Levy (2010, p. 238):

O verdadeiro diálogo não consiste em troca de argumentos, de contra-argumentos e de objeções em torno de uma tese e de uma antítese culminando, finalmente, em uma síntese. Ele organiza a tradução mútua de pensamentos vivos jamais definitivos. Ele provoca o encontro de espíritos abertos que aspiram à implicação recíproca sobre a base de sua humanidade comum.

Antes de concluir a análise é importante retomar as limitações deste estudo e considerar que as interpretações aqui realizadas podem conter equívocos ou pressuposições assumidas de antemão que direcionam a reflexão aqui realizada. Contudo não foi a intenção dar conta de todo o material coletado nem por fim a discussão sobre o tema proposto. Antes

de tudo pretendeu-se aqui buscar uma reflexão que nos desacomode perante nossas práticas docentes e repensar novos horizontes frente às possibilidades que a tecnologia e a redes sociais nos possibilitam. Como lembram Lemos e Levy (2010, p. 35): "O filósofo tem o dever de transcender as opiniões que se trocam ordinariamente na caverna obscura da cidade (as mídias), como as pretensas evidências compartilhadas que só refletem pequenas perspectivas locais, para fazer um longo e difícil desvio pelo mundo das ideias".

A investigação aqui proposta é um eco deste convite feito por Platão a mais de dois mil anos, para sair de nossa zona de conforto e perseguir um mundo novo de possibilidades.

6. CONCLUSÃO

Pensar a educação é pensar novos horizontes, é pensar novas situações e possibilidades. É aceitar desafios e incertezas, é alimentar sonhos. A educação deve ser contemporânea ao mundo dos homens. Deve-se fundamentar nas conquistas históricas da humanidade, legadas do passado, dialogando com as transformações sociais e culturais do tempo presente e com o olhar no futuro a ser construído.

Tendo presente isso é impossível negar as transformações presentes em nosso mundo e ignorar o quanto elas nos afetam e moldam a cultura e a sociedade. Em virtude disso a educação tem a necessidade de levar em consideração os impactos tecnológicos que vivemos.

A internet e o ciberespaço fazem parte da nossa forma de conviver socialmente e direta ou indiretamente estão presentes nos processos educativos pois ninguém é completamente alheio ao mundo em que vive. Nesse contexto as redes sociais se apresentam como manifestação cultural, estabelecem novas formas de convivência e criam um espaço que permite uma articulação entre os indivíduos nunca antes vista.

As redes sociais permitem que os indivíduos se reúnam virtualmente, formem laços baseados em interesses e potencializam a capacidade de expressão dos mesmos, dando condições para uma participação democrática mais efetiva na sociedade, fazendo emergir uma nova forma de cidadania.

Dessa forma as redes sociais se mostram como estruturas que potencializam a voz dos que antes eram apenas receptores da informação veiculada por mídias de caráter massivo, como rádio e televisão. Vivemos a era das mídias pós-massivas. O Facebook, a rede social mais popular do mundo, se enquadra dentro dessa nova forma de tratar a informação.

Da praça pública ao ciberespaço, da ágora grega ao Facebook de cada dia. Se antes os filósofos discutiam na praça pública, cabe hoje questionar por que não poderíamos filosofar no Facebook. Será por preconceito com as redes sociais? Será que olhamos com desconfiança com aquilo que é novo? Será que temos dificuldade de conferir novos sentidos ao que se apresenta formatado e pré-programado? Não devemos olhar para além do que nossa percepção imediata nos impõe?

Diante destes questionamentos este estudo se apresenta, como forma de articular as relações entre o filosofar e o Facebook.

A proposta deste trabalho foi investigar as possibilidades e limitações do uso do Facebook no ensino de Filosofia como recurso didático para promover o desenvolvimento da capacidade de argumentar dos estudantes. Evidentemente o objetivo deste trabalho é

contribuir com uma reflexão sobre o uso do Facebook como uma ferramenta de apoio pedagógico ao professor e aos alunos para desenvolver as competências argumentativas no ensino de Filosofia, mas não pretende defender uma exclusividade da rede social para este propósito e nem afirmar que sozinha ela é capaz de cumprir esse papel. O que defende-se é que é possível utilizar o Facebook como recurso didático que pode contribuir no processo de desenvolver a argumentação, auxiliando professor e aluno, mas que possui também suas limitações e por isso é preciso ter o cuidado com seu mau direcionamento e evitar que o efeito seja o oposto do esperado.

Mesmo sabendo que a amostra coletada é limitada, pode-se, contudo, concluir que o que foi apresentado serve como indicativo do caminho a ser construído em termos de reflexão e prática quanto ao uso do Facebook no processo de desenvolvimento da argumentação no ensino de Filosofia. Se tivéssemos uma amostra maior, poderíamos encontrar resultados diferentes? Não parece ser esta a questão. Em vista da natureza da investigação não se pode achar que pelo fato de que grande parte dos participantes concorde com a hipótese trabalhada nesse estudo, que ela se confirme. Como toda questão didática é aberta a interpretações e depende de concepções de ensino, de metodologia, de objetivos pedagógicos, podemos apenas apresentar propostas, devidamente fundamentadas. Por se tratar de um estudo qualitativo e pela natureza do problema investigado não se pode esperar que os dados coletados sirvam para chegarmos a uma conclusão definitiva sobre o problema investigado, no entanto pode servir para dar consistência a linha de raciocínio apresentada nesse trabalho.

Retomando os objetivos da pesquisa em apontar as possibilidades e limitações do uso do Facebook no desenvolvimento da argumentação filosófica podemos concluir que, as possibilidades se configuram pelo fato de que a rede social tem um caráter interativo possibilitando a criação de grupos e páginas onde as discussões podem ser realizadas de modo dialógico através de comentários entre colegas com a mediação do professor. Desse modo uso do Facebook pode servir para potencializar a construção das habilidades de argumentação dos alunos, utilizando os recursos disponíveis na rede social.

Através da criação de grupos ou páginas do Facebook é possível obter um espaço virtual onde seja estimulada discussão filosófica por meio de postagens e comentários dos alunos, onde estes teriam de justificar com argumentos seu ponto de vista. Os colegas por sua vez podem contra-argumentar, criticando os colegas ou mesmo fortalecendo os argumentos daqueles que concordam. Dessa maneira, aos poucos se forma uma discussão em forma de diálogo, mediado pelo professor, podendo ser retomado, posteriormente, em sala de aula,

gerando novo debate e assim promovendo o desenvolvimento das habilidades de argumentação dos estudantes.

Certamente a interatividade é um dos elementos que diferencia a rede social de outros ambientes virtuais como sites e blogs que possuem interatividade menor ou não a possuem. Desse modo um blog ou site seria um bom espaço para disponibilizar um conteúdo filosófico (como textos e vídeos), mas talvez não fosse o espaço mais adequado para iniciar uma discussão sobre o que ali está posto. Já em uma rede social, através dos comentários, pode-se iniciar uma discussão sobre o conteúdo disponibilizado, promovendo assim o espírito argumentativo.

Em relação as limitações da rede quanto ao seu uso no Ensino de Filosofia destacam-se a falta de fluência nas discussões, o excesso de conteúdos superficiais que acabam por influenciar negativamente os alunos ou dispersá-los, a carga excessiva de tempo que exige-se ao professor para moderar os grupos e páginas e a característica estrutural que impossibilitam uma argumentação mais articulada. É evidente que como qualquer recurso para qualquer fim didático, o Facebook terá suas limitações e poderá gerar distorções. É um desafio, no entanto que deve ser enfrentado pelo professor de filosofia se este quiser fazer desta ágora virtual, a praça digital onde mestre e discípulos se encontram para filosofar.

Enfim, a reflexão aqui apresentada serve para embasar a proposição de um caminho que pode ser pedagogicamente trilhado, mas não pretende ser o único. O uso do Facebook no Ensino de Filosofia é uma possibilidade, uma alternativa entre muitas, que engloba vários desafios e até contradições, e não deve ser encarado como uma estratégia infalível, muito pelo contrário, deve ser muito bem articulada.

Apesar de este estudo ter coletado opiniões de alguns professores de filosofia sobre o uso do Facebook no Ensino de Filosofia, sua natureza é preponderantemente teórica em relação às suas conclusões. Isso significa que as reflexões aqui empregadas apresentam inferências que em teoria não são contraditórias. As conclusões são plausíveis e seguem uma coerência lógica interna, mas carecem de sustentação experimental, no que diz respeito a prática didática propriamente dita. Falta-nos aqui uma experiência pedagógica efetiva.

Esta pesquisa se complementaria com a aplicação de uma proposta didática que envolvesse um relato de experiência com o uso do Facebook no ensino de Filosofia somada às impressões dos alunos. Esta seria uma forma para "testar" as proposições aqui defendidas.

Algumas questões ainda permanecem em aberto e merecem atenção para novas pesquisas: Qual a melhor estratégia didática para o uso de grupos e páginas do Facebook para desenvolver a argumentação dos estudantes? Como contornar as dificuldades apresentadas

pelos professores como limitantes ao uso do Facebook no Ensino de Filosofia? Que outras redes sociais poderiam servir como apoio didático no ensino de Filosofia? Quais são as razões que levam alguns educadores a manter-se receosos quanto ao uso das redes sociais como instrumentos de aprendizagem? As restrições apontadas quanto ao uso didático do Facebook são mesmos inerentes à tecnologia da rede ou estão mais ligadas à questões cognitivas ou socio-culturais dos estudantes? Ou seriam limitações referentes a falta de preparo dos próprios educadores frente às novas tecnologias? O que pensam os estudantes quanto ao uso das redes sociais como instrumentos de aprendizagem?

Outras questões menos diretas, mas que surgiram durante o processo de construção deste estudo: Em que medida as redes sociais afetam cognitivamente e psicologicamente as condições de aprendizagem das novas gerações? Como as redes sociais afetam o cérebro e a construção do pensamento e do raciocínio? São questões possíveis para novas pesquisas.

Para encerrar, é importante dizer que o uso educativo do Facebook, ou de qualquer outra rede social, depende dos sujeitos que ali estão envolvidos. A arte da argumentação é algo que leva tempo para se adquirir, e é um aprendizado que nunca acaba e sempre pode ser aperfeiçoado. Mas antes da tecnologia, que serve como um suporte, como um meio, é necessário uma verdadeira conexão humana, é necessário que seres humanos, professor e alunos, se coloquem em uma posição dialogante respeitando um ao outro a fim de construir coletivamente um pensamento crítico sobre o mundo que nos cerca.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AFP. **Facebook tem 1,23 bilhão de usuários mundiais; 61,2 milhões são do Brasil**. 2014. Divulgada por Uol Notícias Tecnologia. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/afp/2014/02/03/facebook-em-numeros.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2015.
- ANGELO, Tiago Novaes; PAGAN, Cesar Bonjuani; GUDWIN, Ricardo Ribeiro. DAS PRAÇAS GREGAS À ÁGORA VIRTUAL: um panorama histórico da democracia digital. **Democracia Digital e Governo Eletrônico**, Florianópolis, n. 11, p.3-24, 2014. Disponível em: <<http://buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/observatoriodoegov/article/view/34356/33228>>. Acesso em: 12 jun. 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. On-line off-line. In: BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas Ao Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011. p. 22-25.
- BÉVOR, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-Educação: Conceitos, história e perspectivas. **Educação & Sociedade: Revista de Ciências da Educação**, Campinas, v. 30, n. 109, p.1081-1102, set. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2015.
- BUCKINGHAM, Will et al. **O Livro da Filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.
- CANABARRO, Maria Margarete; BASSO, Lourenço de Oliveira. Os Professores e as Redes Sociais: É possível utilizar o Facebook para além do “curtir”? **Renote: Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.1-9, jul. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/41625/26405>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- CASTELLAN, Gláucia Rodrigues. A Ágora de Atenas: aspectos políticos, sociais e econômicos. **Klepsidra: Revista Virtual de História**, v. 26, 2005. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra26/agora.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2015.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. In: **Evidência: Olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá, v. 7, n. 7, p.251-266, Não é um mês valido! 2011.
- FERREIRA, Jessica Kelly Souza. **Redes Sociais: O Facebook como elemento contribuinte ao processo de ensino e aprendizagem na construção da autonomia dos alunos de ensino médio**. 2014. 38 f. Monografia (Especialização) - Curso de Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Itabaiana, 2014. Disponível em:

<<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/6651/PDF-Jéssica Kelly Sousa Ferreira.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Argumentação**: a ferramenta do filosofar. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.03-11, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e Ética da Comunicação na Mídiação da Sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

KIRKPATRICK, David. **O Efeito Facebook**: Os bastidores da história da empresa que conecta o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. Tradução de: Maria Lúcia de Oliveira.

KOHAN, W. O. **As infinitas antinomias do ensino de filosofia**. In: SARDI, S. A. et al. *Filosofia e sociedade: perspectivas para o ensino da filosofia*. Ijuí, RS: Unijuí, 2007

LAW, Stephen. **Guia Ilustrado Zahar: Filosofia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2009.

LEMO, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: Em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPPMAN, Mattew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. **A Filosofia na Sala de Aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

LORIERI, Marcos Antonio. **Filosofia**: Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

LORIERI, Marcos Antônio; RIOS, Terezinha Azerêdo. **Filosofia na escola**: o prazer da reflexão. São Paulo: Moderna, 2004.

MANZATO, Antonio José; SANTOS, Adriana Barbosa. **A elaboração de questionário na pesquisa quantitativa**. 2012. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~verav/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2015.

MELLO, Leonel Itaussu; COSTA, Luis Cesar Amad. **História Antiga e Medieval**. São Paulo: Scipione, 1998.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MORTARI, Cezar A.. **Introdução à lógica**. São Paulo: Unesp, 2001.

MURCHO, Desidério. A Natureza da Filosofia e seu Ensino. In: **Educação**, Santa Maria, v. 27, n. 2, p.13-17, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/4435/2609>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MURCHO, Desidério. A Natureza da Filosofia e seu Ensino. In: **Educação e Filosofia**, Uberlândia, p.79-99, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/1968/1642>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MURCHO, Desidério. Ensinar a Filosofar. In: SPINELLI, Priscilla Tesch et al (Org.). **Diálogos com a escola: experiências em formação continuada em Filosofia na UFRGS**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. Cap. 2. p. 29-62.

MUSSOI, Eunice Maria; FLORES, Maria Lucia Pozzatti; BEHAR, Patricia Alejandra. **Comunidades virtuais: um novo espaço de aprendizagem**. 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22887>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos mistos em educação: pressupostos teóricos. In: **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, p.67-80, set./dez 2013. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/2698/2362>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

PHILLIPS, Linda Fogg; BAIRD, Derek; FOGG, Bj. **Facebook para educadores**. 2011. Disponível em: <[http://www.sead.ufscar.br/outros/Facebook para Educadores](http://www.sead.ufscar.br/outros/Facebook%20para%20Educadores)>. Acesso em: 15 jun. 2015.

RABELO, Edna Maria Souza; ALMEIDA, Jorge Miranda de. Por uma crítica da fluidez moderna. **Revista Húmus**, [s.l.], v. 3, n. 7, p.15-26, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1481/1197>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

REDAÇÃO OLHAR DIGITAL. **Facebook ganhou 50 milhões de usuários nos últimos três meses**. 2015. Disponível em: <<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/facebook-ganhou-50-milhoes-de-usuarios-nos-ultimos-tres-meses/48132>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula: Teoria e Prática para o Ensino Médio**. Campinas, Sp: Autores Associados, 2009.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da Cibercultura: Perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTOS, Vanice dos. **Ágora Digital: O cuidado de si no caminho do diálogo entre tutor e aluno em um ambiente virtual de aprendizagem**. 2012. 236 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49410/000836469.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 maio 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Como ler um texto de filosofia**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008. SPLITTER, Laurance J.; SHARP, Ann M. **Uma Nova Educação: A Comunidade de Investigação na Sala de Aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

SOUZA, Sônia Maria Ribeiro de. A Filosofia no Ensino Médio: Uma (re) leitura a partir dos PCNs. In: GALLO, Sílvio; DANELON, Márcio; CORNELLI, Gabriele (Org.). **Ensino de Filosofia: Teoria e Prática**. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 161-181.

TORRES, Luciano Tavares. **Ágora Virtual: Os Blogs como espaço de argumentação e de reflexão filosófica no ensino fundamental**. 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppge/files/2011/07/dissertação-luciano.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

TORRES, Luciano Tavares. **O ensino/aprendizagem de filosofia através do blog: a nova ágora virtual**. 2009. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/m-o/o-ensino-aprendizagem-de-filosofia.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

VASCONCELLOS, Liana; GUEDES, Luis Fernando Acenção. **E-Surveys: Vantagens e Limitações dos Questionários Eletrônicos via Internet no Contexto da Pesquisa Científica**. 2010. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Semead/10semead/sistema/resultado/trabalhosPDF/420.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

WARBURTON, Nigel. **O básico da Filosofia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO

Caro(a) participante da pesquisa,

Este questionário integra a pesquisa de monografia do curso de especialização EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO do CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO da UFRGS, intitulada: “POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES DO FACEBOOK NO DESENVOLVIMENTO DA ARGUMENTAÇÃO FILOSÓFICA NO ENSINO DE FILOSOFIA” e tem como objetivo investigar o uso Facebook como espaço de desenvolvimento da argumentação e do debate filosófico, suas possibilidades e limitações como ferramenta pedagógica no ensino de Filosofia.

Desde já agradecemos pela sua valiosa contribuição na realização desta pesquisa e aguardamos seu retorno até 14/06/2015.

Qualquer informação adicional pode ser obtida pelo e-mail: thiago.del@gmail.com

IMPORTANTE: Todas as informações contidas neste questionário serão mantidas em anonimato, sendo resguardada a identificação do participante.

Atenciosamente,

Thiago Delaíde da Silva

*Obrigatório

Parte superior do formulário

1. Sua idade *

- De 21 a 30 anos
- De 31 a 40 anos
- De 41 a 50 anos
- De 51 a 60 anos
- Acima de 60 anos

2. Sexo *

- Masculino
- Feminino

3. Escolaridade *

- Ensino Médio (magistério)
- Graduação
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Outro:

4. Você possui algum tipo de formação na área de Filosofia? * Obs.: Você pode marcar mais de uma alternativa.

- Sim, Graduação
- Sim, Pós-Graduação (Especialização)
- Sim, Pós-Graduação (Mestrado)
- Sim, Pós-Graduação (Doutorado)
- Não, mas já cursei disciplina (s) de filosofia na universidade
- Não, mas já tive contato com algum estudo de filosofia na univesidade
- Não, apenas estudei filosofia no ensino médio
- Não, mas já estudei filosofia por iniciativa própria
- Não, nunca estudei filosofia formalmente.
- Outro:

5. Área de formação (Ensino Superior) * Obs.: Você pode marcar mais de uma alternativa.

- Filosofia
- Ciências Humanas e Sociais (História, Geografia, Sociologia, Ciências Políticas, Teologia, etc)
- Ciências Naturais (Física, Química, Biologia, etc)
- Educação (Pedagogia, Magistério ou áreas afins)
- Linguagens (Letras, Literatura, Língua Estrangeira, etc)
- Artes (Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música, etc)
- Educação Física (Esporte, Lutas, etc)
- Exatas (Matemática, Engenharias, etc)
- Comunicação (Jornalismo, Publicidade, etc)
- Saúde (Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, etc)
- Não possuo ensino superior
- Outro:

6. Em que nível de escolaridade você leciona? * Obs.: Você pode marcar mais de uma alternativa.

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Graduação
- Pós-Graduação
- Ensino Técnico
- Magistério
- Outro:

7. Em que tipo de instituição você leciona? * Obs.: Você pode marcar mais de uma alternativa.

- Municipal
- Estadual
- Federal
- Particular
- Outro:

8. Qual a faixa etária predominante dos seus alunos? * Obs.: Você pode marcar mais de uma alternativa.

- Até 12 anos
- De 13 a 18 anos
- De 18 a 25 anos
- De 25 a 35 anos
- Acima de 35 anos

9. Com que frequência você acessa o Facebook? *

- Diariamente.
- Muitas vezes durante a semana.
- Poucas vezes durante a semana.
- Poucas vezes durante o mês.

10. Você é membro de algum grupo de discussão de filosofia no Facebook? *

- Sim, sou membro e participo interagindo com as postagens do (s) grupo (s)
- Sim, mas não costumo interagir muito com as postagens do (s) grupo (s).
- Não participo de nenhum grupo de discussão de filosofia de Filosofia no Facebook.

11. Você segue alguma página de Filosofia ou que possua conteúdo filosófico no Facebook? *

- Sim.
- Não.

12. Você acredita que no geral as páginas e grupos de filosofia do Facebook incentivam o estudo da filosofia? *

- Sim, as páginas e grupos incentivam o estudo da filosofia, uma vez que tornam o conteúdo filosófico mais acessível ao público leigo.
- Não, as páginas não incentivam o estudo da filosofia, uma vez que o conteúdo disponível é superficial.

13. No geral os seus alunos utilizam a rede social Facebook? *

- Sim, a grande maioria utiliza frequentemente a rede social Facebook.
- Não, a grande maioria não utiliza a rede social Facebook.
- Não tenho conhecimento desta informação.

14. Você já utilizou o Facebook com fins pedagógicos no ensino de Filosofia? *

- Sim, e obtive uma boa experiência.

- Sim, mas não tive boa experiência.
- Não, mas tenho interesse em utilizar algum dia.
- Não, nunca utilizei e não pretendo utilizar.

15. Você participa (ou já participou) de algum grupo ou página que seus alunos também fazem parte?* Obs.: Você pode marcar mais de uma alternativa.

- Sim, grupos das turmas das quais leciono.
- Sim, grupos de discussão específica de filosofia (criadas com fins pedagógicos)
- Sim, página da instituição (escola, universidade, etc)
- Não participo de nenhum grupo ou página simultaneamente aos meus alunos.
- Outro:

16. Em seu modo de ver é possível filosofar no Facebook? *

- Sim, é possível filosofar no Facebook, apesar de não haver um tratamento acadêmico das questões discutidas.
- Não é possível filosofar no Facebook, apenas problematizar questões filosóficas de maneira muito superficial.

17. Você acha que o Facebook é um espaço interessante para desenvolver a argumentação filosófica? *

- Sim, é um espaço que possibilita o debate e argumentação filosófica.
- Não, as discussões feitas no Facebook não ultrapassam o senso comum. É possível iniciar um debate mas não aprofundá-lo.
- Depende da maneira como é conduzida a discussão pelos participantes. Se os participantes souberem argumentar é possível desenvolver um debate filosófico neste espaço.

18. Você acredita que as redes sociais potencializam o debate de questões sociais da atualidade? *

- Sim, o Facebook é um espaço que pode potencializar a discussão de temas sociais importantes.
- Não, o Facebook é um espaço apenas de relacionamento e entretenimento.

19. Você acredita que podemos comparar as redes sociais digitais (como o Facebook) com a antiga Ágora grega (praça pública) onde se debatiam as principais questões da Pólis (cidade), ou seja, podemos chamar este espaço de uma Ágora Virtual? *

- Sim, o Facebook pode ser considerado uma Ágora Virtual.
- Não, o Facebook não pode ser considerado uma Ágora Virtual.

20. Em sua opinião, o Facebook poderia ser utilizado como uma ferramenta pedagógica no ensino de filosofia para estimular o desenvolvimento do diálogo e da argumentação filosófica? *

- Sim, o Facebook tem um grande potencial para desenvolver o diálogo e argumentação filosófica, portanto poderia ser utilizado como uma ferramenta pedagógica no ensino de filosofia.

▪ Não, o Facebook não é uma ferramenta adequada para esta finalidade, devido às suas limitações e ao fato de não ser ter sido concebido originalmente com esse objetivo pelos seus idealizadores.

21. Em sua opinião, qual seria a forma mais adequada de usar as redes sociais (Facebook) para incentivar o estudo da filosofia e o debate filosófico?

22. Em sua opinião, quais são as principais limitações do uso do Facebook como ferramenta para o debate filosófico?

23. Você possui alguma experiência do uso do Facebook que no ensino de Filosofia que considere relevante relatar? Como foi essa experiência?

24. Quais as 5 palavras que primeiro vêm à sua mente quando você ouve ou lê a expressão “Ensino de Filosofia”? *

25. Caso deseje, utilize o espaço a seguir para os seus comentários sobre o Facebook como um espaço interessante para desenvolver a argumentação filosófica.

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO

O pesquisador Thiago Delaíde da Silva, aluno regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação da Professora Marlise Geller, realizará a investigação *Possibilidades e limitações do Facebook no desenvolvimento da argumentação filosófica no ensino de Filosofia*, junto a professores de filosofia da região metropolitana de Porto Alegre no período de 08 de junho à 14 de junho de 2015. O objetivo desta pesquisa é investigar o uso Facebook como espaço de desenvolvimento da argumentação filosófica, suas possibilidades e limitações como ferramenta pedagógica no ensino de Filosofia.

Os participantes desta pesquisa serão convidados(as) a tomar parte da realização de um questionário contendo 25 questões, abertas e fechadas, cujo objetivo é coletar dados que serão posteriormente analisados como parte da pesquisa.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51) 92843998 ou por e-mail thiago.del@gmail.com.

.....

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o no. de R.G. _____,

Concordo em participar esta pesquisa.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Porto Alegre, ____ de _____ de 2015.